

**O Papel Mediador da Regulação Emocional  
na Relação Entre a Vinculação e a  
Empatia**

Eva Maria Valente de Oliveira Pires

25740

Orientador de Dissertação:

Professora Doutora Marília Ornelas

Professor de Seminário de Dissertação:

Professora Doutora Manuela Veríssimo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia e Psicopatologia do Desenvolvimento

2021/2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Manuela Veríssimo e Professora Doutora Marília Fernandes, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre em Psicologia na especialidade de Psicologia e Psicopatológico Desenvolvimento.

## **Agradecimentos**

Incessantemente o meu maior agradecimento à minha orientadora e mentora, Professora Marília, que acompanhou o meu crescimento desde o primeiro ano até ao último. Faltam-me as palavras para agradecer a transmissão dos saberes, a paciência, a calma que por vezes me faltou e por tantos outros momentos que demonstrou acreditar nas minhas capacidades e defender as minhas ideias, mesmo quando eu própria duvidei. Agradeço ter-me encorajado a voar, experimentar e errar, mas nunca me ter largado a mão em caso de adversidade. Obrigada por mais do que aquilo que consigo descrever.

Agradeço à Professora Manuela Veríssimo pelos vastos conhecimentos que partilhou connosco no decorrer do seminário e nos corredores. Agradeço o seu entusiasmo e confiança em mim e em particular neste projeto, o que me deu muita motivação ao longo do tempo.

À Equipa de Desenvolvimento do Centro da Criança, por partilharem comigo um bocadinho do vosso mundo e por me acolherem sempre com empatia. Esta oportunidade de aprendizagem e voto de confiança foi muito gratificante.

À minha família - mãe, pai, avó e irmã - que são o meu Porto de Abrigo. Obrigada por valorizarem e celebrarem cada vitória minha, mas sobretudo pelo amor e apoio constante quando tropeço pelo caminho. Obrigada à minha mãe e à minha madrinha, por alinharem em parte desta loucura da recolha de dados, no Norte e Sul do país. Aos meus amigos de infância e aos do ISPA, sou muito grata por vos ter na minha vida. Em particular, à Quinteiro e à Cat, que reconhecem quando eu preciso de um abraço, mesmo sem o ter que verbalizar. Agradeço ainda à fantástica turma que me acompanhou ao longo deste mestrado, guardo-vos sempre com o maior carinho.

Por último, obrigada às escolas, a cada professor que foi amável comigo e a cada cuidador que demonstrou interesse e preocupação. O meu maior agradecimento às crianças por me possibilitarem a finalização deste projeto e sobretudo por tantas vezes confiarem em mim as suas histórias pesadas. Nunca é de mais frisar que me deram alento para a importância da investigação sobre estes temas, para a consciencialização do impacto no desenvolvimento da criança e da responsabilidade que isso acarreta.

Esta dissertação marca o fim da formação ao longo dos 5 anos no ISPA. Por fim, agradeço a esta instituição que sempre será casa e que tanta aprendizagem e alegrias me gerou.

## Resumo

A teoria da vinculação descreve como o historial de interações com o(s) cuidador(es) impacta a forma como as crianças criam e consolidam as representações mentais positivas de si mesmas (confiantes na capacidade para lidar com as necessidades dos outros) e dos outros (como confiáveis e bem-intencionados), tornando mais fácil vê-los como merecedores de empatia, enquanto regulam eficazmente as próprias emoções e comportamentos.

O principal objetivo deste estudo é analisar o papel da vinculação (à mãe e ao pai) no desenvolvimento da empatia afetiva e cognitiva das crianças. A regulação emocional das crianças e a empatia dos pais também serão considerados. Participaram 218 crianças (50.9% meninas) entre 8-12 anos ( $M=9.10$ ;  $DP=1.07$ ) e ambos os seus pais (54.6% mães). As crianças relataram sobre a vinculação com os pais (usando o SSQ) e a própria empatia (QACE). Os pais relataram sobre a regulação emocional dos filhos (ERC) e a própria empatia (QCAE).

Os resultados demonstraram que ambas as relações de vinculação foram preditores significativos da empatia infantil ( $\beta=0.27$ ,  $p<0.001$  e  $\beta=0.21$ ,  $p<0.01$  respetivamente,  $F(5,212)=11.99$ ,  $p<0.001$ ,  $R^2=.18$ ), e que nem a empatia dos pais nem a regulação emocional da criança atingiram significância ( $\beta=.05$ ,  $p=.44$  e  $\beta=.03$ ,  $p=.66$  respetivamente). Especificamente, a empatia cognitiva das crianças foi predita tanto pelo porto-abrigo materno como pela base segura paterna ( $\beta=0.28$ ,  $p<0.01$  e  $\beta=0.22$ ,  $p<0.01$  respetivamente,  $F(8,209)=6.11$ ,  $p<0.001$ ,  $R^2=0.19$ ). Enquanto que, na empatia afetiva da criança apenas o porto-abrigo materno teve significância ( $\beta=0.20$ ,  $p<0.05$ ,  $F(8,209)=4.63$ ,  $p<0.001$ ,  $R^2=0.15$ ).

As especificidades das interações criança-cuidador serão consideradas na discussão.

**Palavras-chave:** Vinculação; Empatia infantil; Regulação Emocional; Empatia dos Pais.

## Abstract

Attachment theory describes how the history of interactions with the caregiver(s) impact the way that children create and consolidates a positive mental representation of the self (confident in their ability to handle others' needs) and of the others (as competent, dependable, and well-intentioned) making it easier to see them as deserving of empathy, while effectively regulating their own emotions and behavior.

The main objective of the study is to examine the role of attachment (to mother and father) in the development of children's affective and cognitive empathy. Children's emotion regulation and parents' empathy will also be considered. Participants were 218 children (50.9% girls) between 8 and 12 years old ( $M= 9.10$ ;  $SD= 1.07$ ) and their parents (mother 54.6%). Children report their attachment relationship to both parents (using the SSQ) and their own empathy (QACE). Whereas parents report their child's emotion regulation (ERC) and on their own empathy (QCAE).

Results showed that both attachment relationships to mother and to father were significant predictors of child empathy ( $\beta=.27$ ,  $p<.001$  and  $\beta=.21$ ,  $p<.01$  respectively,  $F(5,212)=11.99$ ,  $p<.001$ ,  $R^2=.18$ ), and neither parents' empathy or child emotion regulation reach significance ( $\beta=.05$ ,  $p=.44$  and  $\beta=.03$ ,  $p=.66$  respectively). More specifically, children's cognitive empathy was predicted by both mother as safe haven and the father as a secure base ( $\beta=.28$ ,  $p<.01$  and  $\beta=.22$ ,  $p<.01$  respectively,  $F(8,209)=6.11$ ,  $p<.001$ ,  $R^2=.19$ ). While for children's affective empathy only mother as safe haven reach significance ( $\beta=.20$ ,  $p<.05$ ,  $F(8,209)=4.63$ ,  $p<.001$ ,  $R^2=.15$ ).

Mother-child and father-child interactions specificities will be taken into consideration in the discussion.

**Keywords:** Attachment; Child's Empathy; Emotion Regulation; Parent's Empathy.

## Índice

Lista de tabelas .....	8
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	9
1. A Empatia .....	9
1.1.1 Estudos Sobre a Empatia dos Pais .....	12
1.1.2. Estudos Sobre a Vinculação .....	13
2. A Vinculação .....	14
2.1. Estudos da Regulação Emocional Como Fator Mediador da Empatia e Vinculação .....	17
3. A Regulação Emocional .....	18
4. Explicação do Modelo Mediador .....	20
5. Objetivos e Hipóteses .....	23
II. METODOLOGIA .....	25
1. Participantes .....	25
2. Instrumentos .....	26
2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos .....	26
2.2. Security Scale Questionnaire (SS) .....	26
2.3. Emotions Regulation Checklist (ERC) .....	27
2.4. Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children (QCAE).....	28
2.5. Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy in Adults (QCAE).....	28
3. Procedimento .....	30
4. Análise de Dados .....	32
III. RESULTADOS .....	33
1. Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo .....	33
1.1. Vinculação.....	33
1.2. Empatia das Crianças .....	34
1.3. Regulação Emocional.....	34
1.4. Empatia dos Pais .....	36

2. Associação entre Vinculação e Empatia da Criança.....	37
3. Associação Entre Vinculação e a Regulação Emocional da Criança .....	37
4. Associação entre a Empatia e a Regulação Emocional da Criança .....	38
5. Associação entre a Empatia dos Pais e a Empatia das Crianças.....	39
6. Exploração da Vinculação e da Regulação Emocional Enquanto Preditores da Empatia da Criança: Regressão Linear Hierárquica .....	39
7. Efeito de Mediação da Regulação Emocional da Criança na Relação Entre a Vinculação e a Empatia da Criança .....	41
IV. DISCUSSÃO.....	43
Discussão da análise das Variáveis com os Dados Sociodemográficos .....	43
Discussão das Hipóteses .....	46
Limitações e Estudos Futuros .....	55
Conclusão.....	58
V. REFERÊNCIAS .....	59
VI. ANEXOS.....	70
Anexo 1 - Consentimento Informado .....	70

## Lista de tabelas

<b>Tabela 1.</b> Correlações Entre as Escalas do KSS Para a Relação de Vinculação à mãe e ao pai.....	33
<b>Tabela 2.</b> Resultado das Correlações de Pearson Significativas Entre as Sub-Escalas do ERC das Crianças.....	35
<b>Tabela 3.</b> Resultado das Correlações de <i>Pearson</i> Significativas Entre as Sub-Escalas do QCAE Adultos.....	36
<b>Tabela 4.</b> Resultado da Correlação de <i>Pearson</i> Entre a Vinculação (mãe e pai) e a Empatia da Criança, Para H1.....	37
<b>Tabela 5.</b> Resultado da Correlação de <i>Pearson</i> Entre a Vinculação (mãe e pai) e a Regulação Emocional da Criança, Para H2.....	38
<b>Tabela 6.</b> Resultado da Correlação de <i>Pearson</i> Entre a Regulação Emocional da Criança e a Empatia da Criança, Para H3.....	38
<b>Tabela 7.</b> Resultado da Correlação de <i>Pearson</i> Entre a Regulação Emocional da Criança e a Empatia da Criança, Para H3.....	39



## I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*“Emotional skills begin in the home with good parent–child interaction”* (Mayer & Salovey, 1997, p. 19).

Num mundo atual sobrecarregado por diversos conflitos interpessoais e manifestações discriminatórias, a capacidade empática ganha cada vez maior importância e destaque (Troyer & Greitemeyer, 2018). Neste sentido, a empatia tem vindo a ser associada com diversos benefícios e tem diversas implicações clínicas (Ventura, 2016).

Enquanto pais e educadores, o primordial objetivo foca-se em criar crianças que sejam capazes de viver em sociedade e atender às necessidades dos outros, de forma sensível. Sob esta ótica, torna-se crucial compreender os fatores que possam influenciar o desenvolvimento da empatia e, desta forma, intervir junto destes de forma a alterar o rumo da trajetória para resultados mais favoráveis.

Assim, é crucial estudar como é que o papel dos cuidadores que está subjacente a um desenvolvimento infantil mais adaptativo. Só fruto da investigação entre a Empatia e a Vinculação, bem como dos mecanismos explicativos intervenientes nesta relação, é que poderemos conhecer e posteriormente intervir clinicamente nesses fatores. Assim, a importância deste estudo revela-se na compreensão dos fatores subjacentes ao desenvolvimento socio-emocional das crianças, que são o atual e futuro da sociedade.

### 1. A Empatia

As pessoas partilham os seus estados internos com os outros e passam uma grande quantidade de tempo a refletir sobre as experiências alheias (Zaki & Ochsner, 2016). O termo “empatia” engloba estes fenómenos e tem sido geralmente descrito como a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro e, assim, compreendermos a sua perspetiva e estados emocionais (Davis, 1983). Neste sentido, a empatia abrange a capacidade de sentir, compreender e responder às experiências afetivas dos outros, tendo em conta as suas circunstâncias (Ventura, 2016).

As diversas definições de empatia destacam diferentes fatores relacionados, porém distintos. Segundo Zaki e Ochsner (2016), a empatia é um construto multifacetado que compreende três componentes: afetivo, cognitivo e comportamental. O componente afetivo refere-se à tendência dos observadores em assumirem e experienciarem visceralmente os

estados emocionais internos dos outros, ou seja, compreenderem e sentirem o que os outros sentem (Davis, 1983; Stefan & Avram, 2018). Ressalva-se que, segundo alguns autores, esta componente equipara-se ao contágio emocional pessoal enquanto, para outros, relaciona-se com a preocupação empática com o outro - sendo esta segunda perspetiva a única que subjaz a natureza altruísta da empatia e, por isso, a que será adotada (Davis, 1983; Ventura, 2016).

Por outro lado, o componente cognitivo pode ser descrito como o raciocínio explícito que o indivíduo possui sobre os estados internos dos outros (Zaki & Ochsner, 2016). Neste sentido, torna-se possível atribuir significados às emoções dos outros, compreendendo intelectualmente que razões é que os fomentaram (Stefan et al., 2018). Ressalva-se que esta componente se encontra intimamente relacionada com a tomada de perspetiva e a capacidade de fazer inferências sobre o outro, estando por isso relacionada com o desenvolvimento da teoria da mente (Stefan et al., 2018; Zoll & Enz, 2010).

Por último, alguns autores destacam ainda a terceira componente comportamental que surge como uma derivação dos anteriores e como um potencial motivador do comportamento pró-social e moral (Feiner & Kiersky, 1994; Troyer & Greitemeyer, 2018). Esta componente classifica-se como a resposta instrumental que permite efetivamente prestar auxílio forma ativa e compassiva, incluindo assim a necessidade de ouvir o outro, focar a atenção nas suas necessidades e ativar competências sociais (Ventura, 2016).

Devido à sua semelhança conceptual, frequentemente a empatia é confundida com a pró-socialidade. Segundo Shaver et al. (2016), a empatia tem uma componente afetiva de sentir as emoções do outro, suscitar preocupação e poder conhecer a apreensão da condição que levou aquele estado interno. Por outro lado, apesar de o comportamento pró-social também poder ocorrer como resposta ao sofrimento do outro (por exemplo, ajudando-o ou reconfortando-o num momento de stress), tem ainda a componente de surgir como resposta a outras necessidades materiais ou instrumentais (Dunfield & Kuhlmeier, 2013). Neste sentido, o comportamento pró-social pode ser motivado pela empatia, mas não o é necessariamente – por exemplo, uma criança pode ter um comportamento pró-social de partilha do seu brinquedo, não por preocupação exclusiva com o seu colega, mas também para atender a determinada expectativa do professor ou a algum tipo de domínio social (Shaver et al., 2016). Por outro lado, uma pessoa pode sentir empatia pelo outro e nem sempre o manifestar através do comportamento pró-social, nomeadamente quando não se consegue regular emocionalmente para prestar auxílio (Shaver et al., 2016).

Vivendo em sociedade, os benefícios subjacentes à empatia são diversos. A empatia é necessária para interagir no mundo social e promover comunicações mais eficazes (Zhou et al., 2003). Igualmente, esta capacidade empática providencia um sentimento de conexão entre as pessoas e tem sido associada com o bem-estar físico, ocupacional e relacional (Ventura, 2016). Segundo Zaki e Ochsner (2016), as pessoas podem ignorar os estados afetivos dos outros quando preveem que lhes trará sofrimento ou, contrariamente, envolverem-se empaticamente quando isso é facilitador da formação e manutenção de relações benéficas. Apesar disto, de forma geral, a empatia é um motivador do comportamento moral altruísta e um inibidor da agressividade (Hutman & Dapretto, 2009; Panfile & Laible, 2012).

Segundo a perspectiva de Zaki e Ochsner (2016), os casos em que se verificam atitudes pouco empáticas (em populações clínicas e contextos intergrupais) acontecem devido a uma reduzida motivação dos sujeitos para terem esse comportamento, e não é devido a alguma incapacidade para o sentirem ou agirem em conformidade. Assim, segundo o estudo de Arieli et al. (2013), a empatia pode ser estimulada atribuindo uma maior motivação através da ênfase de valores ou normas sociais comuns entre as pessoas.

Para que uma pessoa possa sentir empatia, deverá conseguir destringir as suas emoções das do outro, compreendendo que a emoção que está a sentir é um reflexo daquilo que o outro sujeito está a experienciar, independentemente da sua valência (Zhou et al., 2003). Em termos de desenvolvimento, além desta capacidade de distinguir a fonte de angústia, também é necessário que já esteja adquirida a capacidade de regulação emocional para que seja possível controlar a excitação afetiva causada e atender de forma empática às preocupações do outro (Hutman & Dapretto, 2009).

A tendência do bebé para fazer corresponder as suas emoções às do seu cuidador, precede o típico desenvolvimento da empatia, na medida em que provoca uma experiência afetiva partilhada, sem existir ainda capacidade de tomar a perspectiva do outro e responder-lhe de forma adequada (Hutman & Dapretto, 2009). Assim, segundo Decety et al. (2018), a empatia afetiva surge cedo no desenvolvimento e permanece estável durante os primeiros três anos de vida. Por outro lado, para Hutman e Dapretto (2009), a resposta empática já é evidente por volta dos 12 meses de idades e tendencialmente aumenta ao longo do segundo ano. No que concerne a empatia cognitiva, esta só é verificada aquando da aquisição da capacidade de descentração e, concomitantemente, do desenvolvimento da teoria da mente (Decety et al., 2018).

## **1.1. Fatores que Influenciam a Empatia**

### **1.1.1 Estudos Sobre a Empatia dos Pais**

Embora as crianças tenham um papel ativo no seu desenvolvimento social e emocional, há diversos fatores culturais e contextuais que podem influenciar esse universo (Minzi, 2013). Em particular, as experiências que as crianças têm com os pais, nomeadamente a observação das ações empáticas, podem afetar as suas competências sociais (Minzi, 2013).

Vários estudos têm vindo a demonstrar que os cuidadores mais sensíveis e preocupados são mais prováveis de terem filhos que exibem respostas mais empáticas face aos outros (Newton et al., 2014; Strayer & Roberts, 2004; Taylor et al., 2013; Upshaw et al., 2015; Zhou et al., 2002). Concretamente, o estudo de Upshaw et al. (2015), permitiu compreender que os pais que adotam com mais frequência as perspetivas dos outros, vão estar mais propensos a ter filhos que exibem maior excitação em relação às respostas emocionais alheias. Neste sentido, estes pais proporcionam aos seus filhos mais oportunidades para despertarem para o reconhecimento das perspetivas únicas dos outros, incluindo os seus diferentes estados emocionais que são enfatizados nas interações (Upshaw et al., 2015).

É plausível considerar que progenitores mais empáticos terão maior facilidade em compreender as pistas emocionais dos seus filhos e serão mais responsivos, o que constituem condições facilitadoras ao desenvolvimento da empatia nas crianças (Strayer & Roberts, 2004). A investigação tem vindo a demonstrar que a empatia dos pais está positivamente associada à vinculação segura e à abertura emocional dos seus filhos (Stern et al., 2015). Neste sentido, pais empáticos fornecem uma base segura que permite explorar as emoções, pelo que estas crianças estarão mais propensas a desenvolver um padrão funcional de expressão emocional e, conseqüentemente, manifestações mais pró-sociais (Stern et al., 2015).

As teorias de aprendizagem social defendem que vários processos parentais, incluindo a modelagem, influenciam a expressividade emocional das crianças, resultando nesta semelhança empática entre gerações (Strayer & Roberts, 2004). Neste sentido, as crianças que são expostas a um modelo que admiram, serão mais propensas a imitar esses atos e têm a oportunidade de ensaiar os seus comportamentos pró-sociais (Minzi, 2013). O estudo longitudinal de Eisenberg et al. (1983) permitiu compreender que a modelagem das relações empáticas dos pais, tanto diretamente com os filhos como fora dessa relação, encontra-se fortemente relacionada com o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais nas crianças.

A empatia afetiva modifica-se ao longo das aprendizagens retiradas em cada experiência, pelo que vai depender, pelo menos em parte, no facto da criança já ter experienciado esse afeto previamente (Feshbach, 1975). Inversamente, no estudo de Meng et al. (2020), os pais de crianças com problemas sociais, foram avaliados com scores inferiores de empatia cognitiva, maioritariamente manifestados por capacidades inferiores na tomada de perspectiva.

### **1.1.2. Estudos Sobre a Vinculação**

Como enunciado, a capacidade empática é desenvolvida na primeira infância, sendo influenciada por fatores do neurodesenvolvimento e do próprio temperamento, sendo ainda possível traçar uma correspondência com os cuidados parentais iniciais (Troyer e Greitemeyer, 2018). Neste sentido, diversos estudos têm vindo a apontar para uma correlação positiva entre a vinculação e a empatia, em diversas faixas etárias.

No estudo de Westmaas e Silver (2001), examinou-se a associação entre a vinculação e a reação empática, dos participantes adultos, a alguém que recebeu um diagnóstico de cancro, pelo que, como esperado, os participantes que pontuaram mais baixo na vinculação insegura-evitante acabaram por exibir reações de maior suporte. Em continuidade com a literatura apresentada, vários estudos com adolescentes encontraram, consistentemente, resultados que demonstram que a classificação de vinculação segura está correlacionada com maior empatia e pró-socialidade, comparativamente a vinculações do tipo insegura (Cobb, 1996; Hilburn-Cobb, 1998; Laible et al., 2000; Oldfield et al., 2015; Thompson & Gullone, 2008; You et al., 2015).

A mesma relação foi encontrada em estudos longitudinais com crianças de idade pré-escolar. Nestes estudos, crianças classificadas com vinculação segura, avaliada através da situação estranha, foram mais prováveis de demonstrar preocupação e providenciar ajuda, em comparação com crianças com vinculação insegura (Bischof-Köhler, 2000; Mark et al., 2002). Igualmente, no estudo de Main e George (1985), observou-se que crianças com vinculação desorganizada nunca reagiram ao stress alheio com preocupação, mas sim com comportamentos agressivos. Por último, os estudos de Johnson et al. (2007, 2010), sugeriram que os padrões de vinculação vão influenciar as representações que as crianças têm face à forma como é esperado que as pessoas se tratem entre si, concluindo que: crianças com vinculação segura esperavam que os outros ajudassem alguém em perigo, ao passo que crianças com vinculação insegura esperavam que isso fosse negado.

Relativamente à idade escolar, dois estudos longitudinais fornecem evidências de que crianças que foram avaliadas com vinculação segura, foram posteriormente classificadas como sendo mais pró-sociais, em comparação com crianças com vinculação evitante, mas não mais do que as com vinculação resistente (Bohlin et al., 2000; Rydell et al., 2005). Adicionalmente, um estudo sugere que as crianças com historial de vinculação segura são mais pró-sociais do que as crianças desorganizadas, mas a mesma relação não se verifica para crianças com vinculação insegura evitante ou resistente (Seibert & Kerns, 2015).

## **2. A Vinculação**

A teoria da vinculação é um tema central no que concerne à psicologia do desenvolvimento (Giudice et al., 2009). Este conceito descreve a formação de relações afetivas entre o bebé e o seu cuidador, que tem início nos primeiros anos de vida (Bowlby, 1969). A referida relação é o resultado de um padrão de interação comportamental entre as duas partes, que deverá depender da qualidade e consistência dos cuidados prestados, que deverão ser igualmente pautados por sensibilidade e responsividade (Bowlby, 1989).

A vinculação pode ser desenvolvida com qualquer pessoa que invista tempo e interesse com a criança, de forma regular, englobando assim outros familiares além da mãe, como é o caso da figura paterna (Veríssimo et al., 2011). Apesar de ser um tema pouco abordado, há estudos que apontam para diferenças na vinculação entre ambos os progenitores, sendo que os pais são referidos como mais sensíveis nos comportamentos de exploração e brincadeira, e as mães como mais sensíveis ao mundo interno da criança (Grossman et al., 2002; Steele et al., 1996).

Segundo Bowlby (1969), as crianças têm um sistema comportamental de vinculação que lhes é inato, isto é, um conjunto de sinais comunicativos (ex.: choro, vocalizações, etc...) que são ativados em caso de stress e que têm como intuito sinalizar o cuidador e promover um contacto próximo. Complementarmente, os adultos têm um sistema de cuidador que é ativado quando a criança está em stress, permitindo-lhes atender aos seus sinais e dar uma resposta (Ainsworth & Bell, 1970). Assim, quando as crianças atingem o seu objetivo de proximidade com o cuidador, este sistema de vinculação é desativado, acalmando-se (Fletcher & Gallichan, 2016). Segundo Bowlby (1982), estas capacidades são biológicas e contribuem para a sobrevivência da criança, protegendo-as das ameaças que enfrenta (reais ou imaginárias).

Nesta linha, uma vinculação segura é estabelecida quando os cuidadores estão alerta para a sinalização das necessidades da criança e são capazes de dar uma resposta contínua, sensível e eficaz ao seu stress (Panfile, 2011). Assim, crianças com vinculação segura vão sentir que conseguem prever e confiar nas ações dos seus cuidadores (Ainsworth, 1989). Desta forma, permitem-se a explorar o meio envolvente utilizando a figura vinculativa como base segura, confiando que, em caso de adversidade, esta irá permanecer como porto-seguro, transmitindo-lhe segurança, apoio e conforto (Fernandes et al., 2021).

Contrariamente, a falta de disponibilidade e sensibilidade, por parte do cuidador, irá estar associada a relações de vinculação inseguras (Stefan & Avrom, 2018). Assim, se um cuidador responder de forma inconsistente ao stress da criança, concomitantemente de forma intrusiva e não responsiva, promoverá uma vinculação do estilo insegura ambivalente/resistente, despoletando sentimentos de preocupação e ansiedade (Panfile, 2011; Ventura, 2016). Por outro lado, um cuidado pautado pela indisponibilidade e rejeição crónica dos sinais de stress da criança, potencialmente dará origem à vinculação evitante (Panfile, 2011; Tereno & Matos, 2017). Por último, uma vinculação do estilo insegura-desorganizada, tem origem em relações abusivas e disfuncionais, totalmente imprevisíveis (Ventura, 2016). As crianças com vinculação insegura vão ter dificuldades em utilizar o cuidador enquanto base segura para que possam explorar o meio, pois não têm a certeza de que terão o apoio necessário em caso de necessidade (Tereno & Matos, 2017; Waters & Cummings, 2000).

Este padrão de interação da exploração da criança, que varia entre base segura e porto-seguro, é particularmente ativado na infância (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1989). Primeiramente, estas explorações do meio são limitadas no espaço e no tempo, no entanto, com o passar do tempo, a criança começa a integrar um modelo interno operante sobre: quem são as figuras de vinculação, onde as pode encontrar e o que é esperado que respondam no momento de stress (Bowlby, 1973). Neste sentido, a sua principal função é fornecer conforto e pistas sobre como a criança se pode orientar em determinada situação, quando o cuidador não se encontra presente (Bowlby, 1973; Fletcher & Gallichan, 2016). Estas representações internas são formadas com base nas experiências diárias, pelo que vão variar consoante o tipo de vinculação que é estabelecida (Ainsworth, 1989). Assim, um cuidado responsivo vai permitir que a criança integre uma perceção de si mesma como competente, valorizada e aceite (Fletcher & Gallichan, 2016). Ressalva-se ainda que estes esquemas cognitivos vão influenciar não só a forma como a criança se percebe, mas vão, inclusive, modelar as suas futuras relações (Panfile, 2011).

Dado o declínio na frequência e intensidade dos comportamentos de vinculação na meia da infância (7-12 anos), conjuntamente com a complexificação dos processos cognitivos e linguísticos, a maioria dos estudos avalia as representações de vinculação através dos modelos internos operantes (Kerns & Brumariu, 2016; Tereno & Matos, 2017). Assim, frequentemente aplicam-se questionários às crianças de idade escolar, o que permite aferir em relato direto as suas experiências conscientes com as figuras vinculativas (Kerns & Brumariu, 2016).

Segundo Kerns e Brumariu (2016), a vinculação na meia infância abrange quatro traços distintivos, face a outras faixas etárias. Primeiramente, o objetivo do sistema de vinculação altera-se, na medida em que deixa de haver a necessidade de proximidade física à figura de vinculação e passa a ser mais importante a sua prontidão e disponibilidade para agir no melhor interesse da criança (Fernandes et al., 2021; Kerns & Brumariu, 2016). Assim, em contraste com o pré-escolar, as crianças mais velhas já vão ter maior capacidade para suportar as separações mais longas e distantes com o cuidador, desde que sintam que este estará disponível para contactar ou reunir, caso necessitem (Kerns & Brumariu, 2016). Em segundo lugar, contrariamente à adolescência, na idade escolar ainda há uma clara preferência pelos pais como as figuras primárias de vinculação (Kerns & Brumariu, 2016). Assim, apesar de preferirem os pares para brincar e até recorrerem pontualmente a estes em situações aversivas, a sua função acaba por ter um papel secundário que só é ativado quando os pais não estão imediatamente disponíveis (Kerns et al., 2006). Em terceiro lugar, na meia infância ocorre um aumento da co-regulação entre a criança e a figura parental, isto é, a vinculação passa a ser colaborativa entre as duas partes, na medida em que a comunicação se torna bilateral e há uma responsabilidade partilhada na resolução dos problemas (Bowlby, 1973; Fernandes et al., 2021). Assim, nestas idades, as crianças ainda vêm os pais como as figuras mais fortes e sábias, mas procuram cada vez mais uma parceria, explorando progressivamente a sua independência (Kerns et al., 2011). Finalmente, o último aspeto a referir sobre a vinculação na meia infância, é o facto de os cuidadores continuarem a ter a função de porto-seguro nas fases angustiantes e, de forma concomitante, a função de base segura para a promoção da exploração, ao contrário do que é relatado no período da adolescência (Kerns et al., 2011; Kerns et al., 2015).

Embora as influências dos pais no desenvolvimento das competências sociais das crianças tenham sido bem estabelecidas, a evidência científica face aos mecanismos subjacentes a esse vínculo é relativamente limitada (Chan, 2011).



## **2.1. Estudos da Regulação Emocional Como Fator Mediador da Empatia e Vinculação**

Poucos estudos procuraram aferir o que influencia a relação entre as variáveis Empatia e Vinculação, ou seja, o fator explicativo para a correlação positiva que tem vindo a ser encontrada na literatura. No entanto, alguns dados recentes apontam para o papel da Regulação Emocional (RE) enquanto variável mediadora.

O estudo de Panfile e Laible (2012), realizado com díades mãe-criança, de idade pré-escolar, demonstrou que crianças mais seguras foram classificadas como tendo níveis superiores de regulação emocional e, conseqüentemente, níveis superiores de empatia (com base em relatos maternos). Estes resultados comprovam a teoria de que crianças com vinculação segura vão ser mais empáticas porque são melhores na capacidade de regulação emocional. Ainda, neste estudo, houve uma associação entre altos níveis de empatia e comportamentos mais pró-sociais, direcionados ao experimentador. Igualmente numa amostra do pré-escolar, o estudo de Stefan e Avram (2018) permitiu replicar as descobertas do referido efeito mediador. Concomitantemente, estes autores propuseram-se a estudar o efeito moderador entre as variáveis e, com base nas entrevistas às crianças, foi possível compreender que a força do efeito indireto da vinculação (incluindo ambos os progenitores) na empatia, por meio da RE, diminui à medida que aumenta a segurança da vinculação (Stefan & Avram, 2018).

O modelo mediacional sugerido foi igualmente estudado noutras faixas etárias, como em crianças de idade escolar. No estudo de Davidov e Grusec (2006), evidenciou-se que a sensibilidade materna (associada à vinculação segura), prediz a regulação emocional durante a infância, o que por sua vez prediz a empatia durante esse período de desenvolvimento. Especificamente, a sensibilidade materna ao sofrimento do outro (avaliada através de questionários e reações a um vídeo) promoveu uma maior regulação emocional nas crianças, o que permitiu a que crianças com vinculação segura respondessem com mais empatia.

Por outro lado, Murphy et al. (2015) encontraram os mesmos resultados do modelo de mediação proposto, numa amostra de adolescentes. Neste estudo, os autores avaliaram a influência da RE como mediador entre a vinculação a ambos os progenitores e várias emoções sociais (empatia, perdão, culpa e ciúme), através de medidas de autorrelato. Finalmente, Troyer e Greitemeyer (2018), estenderam os resultados à literatura adulta, demonstrando que pessoas com vinculação segura (avaliado face à relação com ambos os progenitores) são capazes de experimentar níveis maiores de empatia cognitiva devido à reavaliação das suas emoções (que é a estratégia de RE mais eficaz), em vez de suprimi-las ou ruminá-las. Por último, o estudo de

Henschel et al. (2020), apoiou os resultados prévios na população adulta, demonstrando que o papel mediador da RE, na relação entre a vinculação (sem destringar entre os progenitores) e empatia, variou de acordo com os estilos de vinculação e as dimensões da empatia. Assim, revelaram que níveis elevados de vinculação segura estiveram associados a menor empatia afetiva (e, conseqüentemente, a menor preocupação empática excessiva e menor angústia pessoal), indiretamente devido a níveis menores de dificuldades na regulação emocional.

### **3. A Regulação Emocional**

A Regulação Emocional (RE) pode ser definida como a capacidade em regular as respostas emocionais face a diferentes estímulos ambientais, sendo uma competência que se desenvolve nos primeiros anos de vida e que desempenha um papel crucial ao nível social e comportamental (Sacrety et al., 2021).

De acordo com os estudos longitudinais de Pons e Harris (2005), a RE surge da compreensão emocional, sendo esta uma capacidade adquirida ao longo da infância. Assim, por volta dos 4 ou 5 anos, a maioria das crianças já consegue reconhecer com precisão as expressões faciais e compreender o impacto que certos lembretes e causas podem ter nas emoções. Mais tarde, aos 5/ 6 anos, as crianças começam a assimilar o conceito de ter desejos conflituais e o seu impacto nas emoções, sendo ainda desenvolvida a capacidade em ocultar as emoções sentidas. Por último, entre os 11 e os 12 anos, a capacidade de regulação emocional já foi interiorizada e sucedeu-se o aprimoramento da compreensão da existência de emoções que podem ser conflituosas ou ambíguas.

A RE passa por um conjunto de processos ativos – comportamentos, competências e estratégias - pelos quais as pessoas tentam gerir os seus próprios estados emocionais, como o stress, afeto e humor (Koole, 2009; Noroña-Zhou & Tung, 2020). Segundo Calkins e Hill (2013, p.229), a RE permite alterar a latência, duração e magnitude da emoção. Assim, é esta capacidade de iniciar, inibir, intensificar, manter ou modular a excitação emocional, que vai permitir atingir determinados objetivos pessoais (Eisenberg et al., 1997). Decorrente de uma lacuna nas investigações sobre o presente construto, Eldesouky e Goodman (2021) realçaram a existência de duplos objetivos na RE – por exemplo, um sujeito pode ter o objetivo hedónico de reduzir a sua ansiedade, mas, de forma concomitante, ter o objetivo instrumental de conseguir obter uma nota melhor numa prova ou até de parecer mais interessante no meio social.

Neste sentido, torna-se perceptível a duplicidade de funções da regulação emocional, não se limitando a atingir certos estados emocionais, como também atingir objetivos situacionais (Eldesouky & Goodman, 2021).

Segundo uma perspectiva cognitiva, a RE passa por um processo de avaliação da emoção, no qual se atribui um valor positivo ou negativo, e se age em conformidade de forma a tornar essa emoção mais ou menos provável de voltar a ocorrer (Suri & Gross, 2016). Neste sentido, se uma pessoa acredita que determinada emoção tem uma valência positiva, então é provável que sinta uma menor necessidade de alterar as suas experiências emocionais (Eldesouky & Goodman, 2021). Por outro lado, quando a avaliação determina que a emoção é prejudicial, torna-se mais provável a identificação da necessidade de regulação e a instrumentalização de estratégias emocionais (Schlesier et al., 2019). Assim, as estratégias de RE podem ser divididas em: mal adaptativas, caso o sujeito acredite que as emoções não são controláveis e tendencialmente recorra à evitação e à exteriorização de raiva; e estratégias orientadas para o problema e para a procura de suporte social, sendo as que têm uma função mais favorável (Schlesier et al., 2019).

A adoção destas estratégias regulatórias tem tendência a variar consoante o género e a idade - com meninas e crianças mais velhas a escolherem mais as estratégias adaptativas (Eldesouky & Goodman, 2021). Uma das investigações mais marcantes na área da RE foi a experiência do *Marshmallow*, na medida em que permitiu compreender que a capacidade regulatória começa na primeira infância (Mischel, 2014). Igualmente, expôs algumas das estratégias de inibição comportamental que foram usadas pelas crianças, permitindo a comparação segundo as suas idades (Mischel, 2014).

Uma questão que continua a ser alvo de debate, depreende-se com o que se encontra subjacente à regulação emocional infantil. Do ponto de vista neurofisiológico, a RE é fortemente dependente do desenvolvimento maturativo de certas áreas cerebrais inibitórias, localizadas no lobo frontal (Schlesier et al., 2019). Neste sentido, esta capacidade intrínseca evolui significativamente ao longo do tempo, pelo que crianças mais novas tendem a usar estratégias instrumentais (como distração do estímulo) e as mais velhas utilizam estratégias cognitivamente mais evoluídas (como reavaliação e resolução de problemas) (Schlesier et al., 2019). Outras investigações apontam para um conjunto de processos internos que podem igualmente influenciar a RE, como o temperamento da criança, as suas capacidades interpessoais, o desenvolvimento da teoria da mente e a aquisição da linguagem (Gross &

Thompson, 2013; Stefan e Avram, 2018). Por outro lado, segundo uma perspectiva desenvolvimental, estas estratégias podem depender de processos externos à criança, nomeadamente devido ao papel dos cuidadores na hétero-regulação dos filhos (Koole, 2009).

A RE interpessoal começa no início da vida, na medida em que os pais ajustam o seu comportamento às reações que procuram despoletar no bebé, ensinam as crianças mais velhas a acalmarem-se e fornecem eles próprios exemplos reais de regulação (Fischer & Manstead, 2016, p.433). À medida que a criança vai interiorizando esse protótipo do cuidador, há um conjunto de estratégias e comportamentos que se vão integrando no repertório infantil de capacidade de regulação emocional (Sroufe, 1997). Assim, este modelo diádico passa a ocorrer internamente, permitindo o desenvolvimento da autorregulação das suas próprias cognições, experiências, emoções e comportamentos (Noroña-Zhoul & Tung, 2020). Neste sentido, a prestação de cuidados e a regulação que é feita pelo cuidador, especialmente após momentos de stress na relação com a criança, influencia fortemente a aprendizagem e internalização que esta faz face à regulação das suas próprias emoções (Calkins & Hill, 2013, p.235).

#### **4. Explicação do Modelo Mediador**

O modelo que um sujeito interioriza sobre si mesmo, do outro e dos relacionamentos é forjado com base nas primeiras experiências de vinculação com os cuidadores (Bowlby, 1969). Neste sentido, a literatura tem vindo a demonstrar que a vinculação contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, nomeadamente ao nível do seu bem-estar subjetivo, competências emocionais, autoestima, perceção positiva e cognições e comportamentos interpessoais bem ajustados (Ainsworth, 1989; Fitton, 2012; Mikulincer et al., 2001; Stefan e Avram, 2018). A teoria da vinculação (Bowlby, 1969) explica como, na primeira infância, as interações com as figuras de vinculação criam e solidificam as representações mentais positivas que as crianças desenvolvem sobre os outros, a sua sensação de segurança e a sua capacidade de reconhecer e regular as próprias emoções (Shaver et al., 2016).

Bowlby (1973) e Ainsworth (1989) teorizaram que um historial de vinculação segura vai providenciar o alicerce para a regulação emocional da criança, sendo um protótipo para a regulação individual posterior. Outro traço fundamental da teoria de Bowlby (1969), prende-se com a ideia da complementaridade dos modelos internos operantes, ou seja, conforme vai

aumentando a confiança na capacidade do seu cuidador em fornecer-lhe assistência regulatória, também a criança ganha confiança na sua própria capacidade de regulação.

Ao longo de interações sensíveis com o cuidador, as crianças vão aprender a regular-se emocionalmente, pelo que, quando assistem a situações aversivas, têm a capacidade de não se deixar afetar de forma prejudicial pelo stress alheio, discernindo as suas emoções das que estão a ser despoletadas pelo outro (Murphy et al., 2015; Troyer e Greitemeyer, 2018). Por outro lado, as crianças com vinculação segura sentem que as suas próprias necessidades emocionais não estão em risco, pelo que se torna possível terem uma atitude altruísta, cujo foco é a resolução do problema de outrem (Mikulincer et al., 2001). Quando os pais são afetuosos e solidários com os seus filhos, é ainda provável que a criança acredite que o cuidador está preocupado com os seus interesses, o que a motivará para desenvolver sentimentos de reciprocidade e confiança (Eisenberg et al., 2001). Assim, torna-se mais provável que as crianças internalizem os padrões comportamentais apropriados que os seus pais desejam, incluindo a autorregulação (Eisenberg et al., 2001).

Por outro lado, os cuidadores vão fornecer um modelo empático importante, na medida em que as crianças interiorizam que, quando uma pessoa precisa, outra deve reagir com compaixão (Shaver et al., 2016). Assim, se a criança tem um cuidador empático com o qual se identifica, vai acabar por se desenvolver como um indivíduo sensível, atencioso e empático (Kestenbaum et al., 1989; Stern et al., 2021). Neste sentido, é de esperar que estas crianças sejam capazes de procurar um padrão relacional seguro nas suas relações futuras, mas que também sejam capazes de o reproduzir, sendo emocionalmente responsivas (Murphy et al., 2015). Além do mais, tendencialmente, pais que produzem interações sensíveis com os filhos vão ingressar numa comunicação mais aberta sobre as emoções, o que propensa à compreensão e desenvolvimento de competências emocionais mais sofisticadas (Panfile et al., 2011; Ventura, 2016). Ainda, a forma como os pais interagem e comunicam vai contribuir para a capacidade da criança em interpretar e compreender que forma de expressão emocional é que é apropriada e eficaz nas interações sociais, o que promove as capacidades de socialização e a autorregulação, de forma concomitante (Eisenberg et al., 2001).

Por outro lado, resultante de cuidados sensíveis e responsivos, as crianças estão mais confortáveis com intimidade e independência, pelo que poderão estar mais recetivas aos pedidos de ajuda e à expressão de sentimentos vulneráveis (Shaver et al., 2016). Adicionalmente, de acordo com Bowlby (1969), este tipo de interação irá potenciar expectativas

mais positivas face às relações com os outros, pensando mais facilmente que são merecedores de apoio e empatia. Finalmente, como construíram um modelo do *self* confiante, também vão sentir que têm competências suficientes para lidar com as necessidades do outro de forma eficaz, não descorando a sua própria RE (Shaver et al., 2016). Neste sentido, uma vinculação segura vai culminar numa inclinação para que as crianças se envolvam intimamente e desenvolvam melhores capacidades sociais e emocionais (Kestenbaum et al., 1989).

Contrastante, crianças que receberam cuidados inconstantes e pouco sensíveis, caracterizados por uma vinculação insegura, acabam por não ter tantas oportunidades de aprendizagem socio emocional (Murphy et al., 2015; Stefan & Avram, 2018). Neste sentido, podem ter dificuldades em se regular emocionalmente e, por isso, ficam facilmente vulneráveis com o sofrimento alheio (Mark et al., 2002). Este contágio emocional tendencialmente vai resultar na incapacidade em se focarem primordialmente nas necessidades do outro, tendo em conta que os seus recursos disponíveis estarão a ser aplicados no sentido de se defenderem dos sentimentos suscitados (Stefan & Avram, 2018).

Concretizando, crianças com um historial de vinculação insegura evitante experienciaram a rejeição do cuidador em momentos de necessidade emocional (Panfile et al., 2011). Assim, sem um modelo empático com o qual se identificar, acabam por ser menos capazes de responder de forma adequada ao sofrimento do outro (Kestenbaum et al., 1989). Como também não receberam um suporte emocional enquanto crianças, então também não o irão procurar aplicar nos seus relacionamentos, acabando por descurar nos comportamentos pró-sociais (Panfile et al., 2011). Ao invés de demonstrações de empatia perante situações de angústia alheia, estas crianças acabam por demonstrar um comportamento indiferente (Kestenbaum et al., 1989).

Por outro lado, crianças com vinculação insegura-resistente vivenciaram um padrão inconsistente e ambivalente de cuidados (Kestenbaum et al., 1989). Assim, cresceram com dificuldades em controlar os seus próprios afetos, pelo que se demonstram muito preocupadas com o seu desconforto emocional para que seja possível reagir com tanta empatia quanto as crianças seguras, ou com tanta indiferença quanto as evitantes (Panfile et al., 2011). Por outro lado, se uma criança tem um cuidador que lhe dá respostas inconsistentes, poderá vir a desenvolver problemas em determinar limites entre o seu estado emocional e o dos outros (Kestenbaum et al., 1989; Panfile et al., 2011).

De forma geral, crianças com vinculação insegura não vão ter a capacidade de responder de forma tão empática, na medida em que não têm uma estrutura emocional interiorizada que lhes permita atender às necessidades dos outros e responder-lhes de forma adequada (Mark et al., 2002; Stefan & Avram, 2018).

## **5. Objetivos e Hipóteses**

Tendo em conta a escassez de estudos empíricos que explicam as associações entre a vinculação e a empatia, o presente estudo procurará contribuir para a investigação do papel mediador da regulação emocional nestas associações.

No mesmo sentido, procurar-se-á colmatar a falta de investigação deste tema em crianças de idade escolar. Tanto quanto nos foi possível aferir, apenas um estudo analisou o referido modelo nesta faixa etária, mas somente se propôs a analisar a sensibilidade materna. Neste sentido, esta investigação procurará analisar os diversos conceitos integrantes da vinculação (Davidov & Grusec, 2006).

Por outro lado, apesar de a vinculação a ambos os progenitores ser um tema cada vez mais emergente na literatura, este será o primeiro estudo a analisar a referida problemática diretamente com ambos os progenitores neste contexto. Concomitantemente, o presente estudo propõe-se a ser o primeiro na área a ser aplicado ao contexto português. Segundo o modelo desenvolvimental ecológico, a cultura aparenta ser um dos fatores que influenciam a resposta a diferentes comportamentos sociais, sendo que Portugal tem uma maior orientação coletivista que valoriza a equidade e solidariedade (Chen et al., 2018).

Assim, este estudo tem como objetivo examinar numa amostra de criança em idade escolar:

1. As associações entre a vinculação e a empatia.
2. As associações entre a vinculação e a regulação emocional.
3. As associações entre a regulação emocional e a empatia.
4. O papel mediador da regulação emocional nas associações entre a vinculação e a empatia das crianças.
5. (Alternativamente) As associações entre a empatia dos pais e a empatia das crianças.

No âmbito deste projeto de investigação, procurar-se-á explorar 3 variáveis:

- Variável Independente: Vinculação

- Variável Dependente: Empatia
- Variável Mediadora: Regulação Emocional

A Figura 1 sumaria as associações entre as variáveis que nos propomos testar. Com base na literatura, hipotetizamos que:

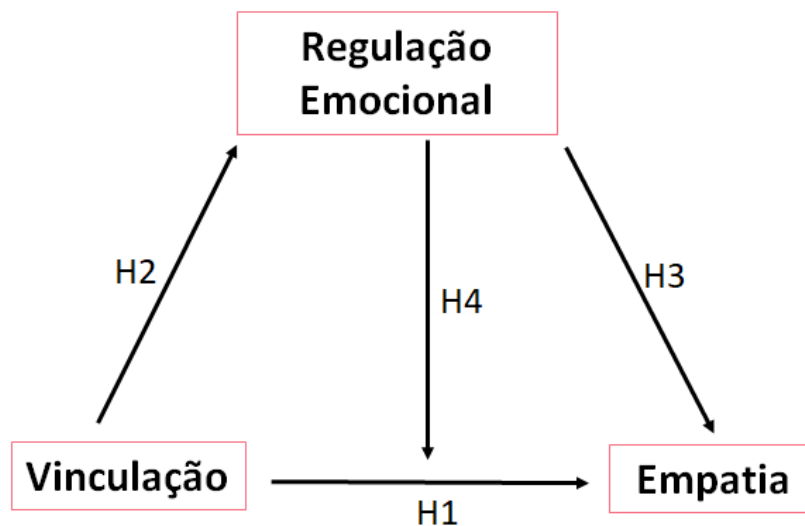
**H1:** A Vinculação terá uma associação positiva e significativa na Empatia da criança.

**H2:** A Vinculação terá uma associação positiva e significativa na Regulação Emocional.

**H3:** A Regulação Emocional terá uma associação significativa e positiva na Empatia da criança.

**H4:** A Regulação Emocional terá um efeito **mediador** na relação entre a Vinculação e a Empatia. Ou seja, crianças com vinculação mais segura terão melhores capacidades de regulação emocional e, por sua vez, maior empatia.

**H5 (hipótese alternativa):** A Empatia dos Pais terá uma associação positiva e significativa na Empatia das crianças.



*Figura 1 – Delineamento de Hipóteses*



## II. METODOLOGIA

### 1. Participantes

A amostra desta investigação é constituída por 218 crianças (111 raparigas e 107 rapazes), com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos ( $M=9.10$ ;  $DP=1.07$ ). Relativamente ao ano de escolaridade, variou entre o 2º e o 7º ano ( $M=3.97$ ;  $DP=1.05$ ). Quanto à nacionalidade, 95% são portuguesas, 2.7% são do Brasil, 0.5% são americanas, 0.5% são do Cazaquistão, 0.5% de Moçambique, 0.5% da Roménia, 0.5% de Angola e, por fim, 0.5% do Nepal.

Destas crianças, 61.2% são filhos primogénitos e ainda 76,7% têm irmãos (56.6% têm 1 irmão, 14.6% têm 2 irmãos, 3.2% têm 3 irmãos e 2.3% têm 4 irmãos). Adicionalmente, em média, as crianças começaram a frequentar a creche/ama aos 16.56 meses ( $D=15.05$ ) e, atualmente, passam uma média de 7.92 horas ( $DP=1.26$ ) na escola.

Igualmente, procurou-se a participação dos dois progenitores das referidas crianças, sendo que apenas tivemos 33% de respostas de ambos os pais. Assim, optou-se por apenas considerar 1 dos cuidadores, tendo particular atenção para que existisse uma representação igual de respostas entre mães e pais. Considerou-se como critério de exclusão todas as crianças cujos pais não participaram no estudo ou que responderam de forma incompleta ao questionário. Assim, a amostra dos pais é constituída por 119 mães (idade:  $M=42.01$ ;  $DP=4.78$ ) e 99 pais (idade:  $M=44.12$ ;  $DP=5.27$ ).

As habilitações literárias, obtidas segundo o número de anos de estudo, variaram entre 5 (correspondente ao ensino básico) e 21 (doutoramento). Assim, as habilitações literárias das mães foram  $M=15.58$  ( $DP = 3.22$ ), e as dos pais foram  $M=13.88$  ( $DP = 3.50$ ). Destaca-se ainda que 86.3% das mães trabalha a full-time (4.6% não trabalha e 5.5% em part-time) e, no caso dos pais, o trabalho a full-time corresponde a 88.6% (1.4% não trabalha e 5.9% em part-time).

A nacionalidade dos cuidadores é maioritariamente portuguesa (88.6%), com 3.7% de brasileiros e 0.9% Romenos, pelo que a restante percentagem está igualmente dividida entre Angola, Nepal, América, Cazaquistão, Alemanha e Moçambique. A maioria dos pais identifica o seu estado civil como casado (62.6%), 18.7% como união de facto, 11.4% separado/divorciado e 7.3% solteiro.

O recrutamento foi realizado através de um agrupamento de escolas públicas e um conjunto de colégios privados, de Norte a Sul de Portugal. No presente estudo, apenas participaram as crianças disponíveis e autorizadas pelos encarregados de educação, pelo que se privilegiou um processo de amostragem de conveniência e não probabilístico.

## 2. Instrumentos

### 2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos

Este foi o primeiro questionário a ser aplicado aos participantes, com o intuito de recolher as suas principais características sociodemográficas.

Neste sentido, questionaram-se algumas informações pessoais aos pais, como o tipo de relação com a criança (pai, mãe, padrasto, madrasta, etc...), nacionalidade, estado civil, habilitações literárias, idade, situação de emprego atual. Por outro lado, pediram-se alguns dados das crianças, nomeadamente o sexo, data de nascimento, nacionalidade, número de irmãos e idade destes, qual o agregado familiar, idade com que começaram a frequentar a creche/ama, escola, ano escolar e número de horas que costuma passar na escola.

### 2.2. Security Scale Questionnaire (SS)

De forma a aferir a vinculação entre a criança e ambos os cuidadores, aplicou-se o *Security Scale Questionnaire* (SS) (Kerns et al., 1996). Este instrumento é um questionário de autorrelato que permite aferir a perceção da vinculação com os cuidadores, desde a meia-infância até à adolescência (8-14 anos) (Kerns et al., 1996).

A versão original da SS é composta por 15 itens, de uma só dimensão, que avaliam a perceção da criança face à segurança da vinculação, pelo que os seus itens procuram aferir se o cuidador é sentido como disponível, responsivo e confiável, aquando momentos stressantes (Kerns et al., 1996). A versão mais atual da escala é composta por 21 itens e engloba duas dimensões: Porto de Abrigo (PA) (15 itens que avaliam a comunicação aberta sobre as emoções e necessidades da criança durante os momentos de stress) e Base Segura (BS) (6 itens que avaliam o encorajamento dos pais para que as crianças explorem o meio envolvente) (Kerns et al., 2015). Cada item é classificado em 4 pontos, segundo uma escala tipo Susan Harter (Kerns et al., 2015). Em cada questão são apresentadas duas frases sobre duas crianças diferentes, sendo que primeiramente o participante deverá escolher com qual das crianças descritas é que se identifica mais e, posteriormente, classificar se a criança escolhida é “exatamente como eu” ou “mais ou menos como eu” (Kerns et al., 1996). Assim, a cotação será atribuída da seguinte forma: 1 ponto - a criança A é exatamente como eu; 2 pontos – a criança A é mais ou menos como eu; 3 pontos – a criança B é mais ou menos como eu; 4 pontos – a criança B é exatamente como eu. Ressalva-se que a cotação é realizada através da média dos itens de cada dimensão, pelo que pontuações mais elevadas significarão maior segurança na vinculação (Kerns et al.,

2015). Destaca-se ainda que alguns itens têm uma lógica de cotação contrária, pelo que foi necessário inverter alguns itens.

Finalmente, o presente questionário revelou consistência interna na versão original (*Cronbach's a* = .84). Posteriormente, este questionário foi validado para a população portuguesa e revelou consistência interna para a relação mãe-criança (*a*=.79 na BS; *a*=.89 no PA) e pai-criança (*a*=.83 na BS; *a*=.91 no PA) (Fernandes et al., 2021). Na presente amostra, a dimensão de BS teve um alfa de *Cronbach* de *a*=.69 na relação com a mãe e de *a*=.69 na relação com o pai. Relativamente à dimensão PA, verificou-se um alfa de *Cronbach* de *a*=.75 na relação com a mãe e *a*=.80 na relação com o pai.

### 2.3. Emotions Regulation Checklist (ERC)

Tendo como objetivo avaliar a Regulação Emocional das crianças, recorrer-se-á ao instrumento *Emotions Regulation Checklist* (ERC), de Shields e Cicchetti (1997). A ERC pretende avaliar a RE de crianças entre os 6 e os 12 anos, sendo preenchida por um informante próximo, como cuidadores ou professores (Shields & Cicchetti, 1997). Assim, esta escala avalia a percepção dos pais face a esse construto no seu filho(a) (Shields & Cicchetti, 1997).

O objetivo principal da ERC é avaliar se a criança é capaz de adaptar as suas respostas emocionais a eventos específicos e se consegue demonstrar uma resposta emocional adaptada (Melo, 2005). Este instrumento é composto por 24 itens, avaliados numa escala de 4 pontos, tipo *Likert*, e integra 2 subescalas: Regulação Emocional (8 itens) e Labilidade Emocional (15 itens) (Shields & Cicchetti, 1997). A regulação emocional avalia o nível de expressões socialmente apropriadas da criança, a empatia e a sua autoconsciência emocional (por exemplo, a criança ser capaz de se expressar emocionalmente). Por outro lado, a labilidade/negatividade, avalia a intensidade e reatividade de emoções negativas na criança, bem como as suas mudanças de humor. Neste sentido, uma pontuação elevada na escala de Labilidade Emocional reflete que a criança tem mais desregulação, contrariamente ao que acontece com a outra dimensão (Shields & Cicchetti, 1997).

Quanto às qualidades psicométricas, no estudo original de Shields e Cichetti (1997), a dimensão de Labilidade/Negatividade teve um alfa de *Cronbach* de *a*=.96 e a dimensão da Regulação Emocional teve *a*=.83. Posteriormente, este instrumento foi traduzido e validado por Melo (2005) para a população portuguesa, revelando *a*=.69 na labilidade/negatividade e *a*=.60 na regulação emocional. Na presente amostra, a dimensão Labilidade teve um alfa de

*Cronbach* de  $a=.69$  e a dimensão Regulação Emocional teve um alfa de *Cronbach* de  $a=.63$ . Por último, o score Global de Regulação emocional teve um  $a=.75$ .

#### **2.4. Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children (QCAE)**

A empatia será medida através do *Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy in Children* (QCAE). O questionário da versão original (Zoll & Enz, 2010) foi construído com itens novos e com a junção de outras escalas que avaliam o mesmo construto, como: Bryant's Index of empathy measurement (1982), Eisenberg's Child Report Sympathy Scale (1998), Leibetseder's E-Skala (2001) e Garton & Gringert's (2005). O objetivo deste questionário é avaliar a empatia como uma reação disposicional face a situações hipotéticas, sendo assim uma escala de auto-relato que pode ser aplicada a crianças dos 8 aos 16 anos (Zoll & Enz, 2010).

O QACE é composto por 28 itens que atendem duas dimensões: empatia afetiva e empatia cognitiva (Zoll & Enz, 2010). O preenchimento dos itens é feito segundo uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (1-discordo totalmente, 2-discordo um pouco, 3-não concordo nem discordo, 4-concordo um pouco, 5-concordo totalmente) (Veiga & Santos, 2011). A pontuação desta escala é obtida através da média dos itens de cada dimensão (Zoll & Enz, 2010).

Relativamente às qualidades psicométricas, o estudo original de Zoll e Enz (2010), reportou 31.19% de variância explicada. Esta escala foi validada por Veiga e Santos (2011) e demonstrou ter consistência interna ( $a=.85$  na dimensão afetiva e  $a=.71$  na dimensão cognitiva). Na presente amostra, a dimensão Empatia Cognitiva teve um alfa de *Cronbach* de  $a=.77$  e a Empatia Afetiva  $a=.68$ .

#### **2.5. Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy in Adults (QCAE)**

O questionário de empatia cognitiva e afetiva para adultos (QCAE) foi desenvolvido por Reiners et al. (2011). Os itens deste instrumento foram derivados de outras escalas pré-existentes que avaliam a empatia, como: EQ (Baron-Cohen et al., 2003), HES (Hogan, 1969), IVE (Eysenck & Eysenck, 1978) e IRI (Davis, 1983). O QCAE é uma medida com 31 itens de autorrelato, que deverão ser respondidos segundo uma escala tipo *likert* de 4 pontos (1- discordo fortemente; 4- concordo fortemente) (Kelly et al., 2021).

Este instrumento permite atender a uma perspectiva multidimensional do construto em análise, permitindo assim avaliar a empatia em duas dimensões: empatia afetiva, em que se avalia a capacidade de ser sensível e experienciar o estado emocional do outro; e a dimensão cognitiva, em que se avalia a capacidade de compreender o estado emocional do outro (Queirós et al., 2018). Por sua vez, a empatia afetiva engloba ainda três subdimensões: responsividade proximal (4 itens que avaliam o estado emocional que é gerado pela percepção dos sentimentos dos outros), contágio emocional (4 itens que avaliam a capacidade de sentir espelhado o que os outros sentem) e responsividade periférica (4 itens que medem a resposta emocional que é dada noutros contextos sociais menos próximos) (Queirós et al., 2018). Por outro lado, a empatia cognitiva alberga duas outras subdimensões: tomada de perspectiva (10 itens que avaliam a capacidade de inferir algo do ponto de vista do outro) e simulação online (9 itens que avaliam a tentativa de se imaginar no lugar do outro e inferir esse estado emocional) (Queirós et al., 2018; Şakir et al., 2021).

A pontuação deste instrumento é calculada através da soma das pontuações dos seus itens (Queirós et al., 2018). A dimensão cognitiva é calculada através da soma das suas subdimensões: contágio emocional, responsividade proximal e responsividade periférica. Por outro lado, a dimensão cognitiva também é avaliada através da soma das subdimensões: tomada de perspectiva e simulação online (Queirós et al., 2018). O score global é obtido através da soma da pontuação da empatia cognitiva e da empatia afetiva (Queirós et al., 2018).

Relativamente às qualidades psicométricas, os scores obtidos nas 5 subescalas do QCAE tiveram bons indicadores de consistência interna na versão original (valores do alfa de *Cronbach* a variar entre 0,65 e 0,85) (Reniers et al., 2011). Igualmente, a versão adaptada para a população portuguesa, por Queirós et al. (2018), obteve valores de consistência interna robustos para cada dimensão e respetiva subescala, com alfas de *Cronbach* entre 0,62 e 0,87.

Na presente amostra, a dimensão da Empatia Cognitiva materna teve um alfa de *Cronbach* de  $a=.77$  (com as subdimensões:  $a=.82$  na dimensão Tomada de Perspetiva;  $a=.45$  na dimensão Simulação Online). A dimensão da Empatia Afetiva materna teve um alfa de *Cronbach* de  $a=.74$  (com as subdimensões:  $a=.61$  no Contágio Emocional;  $a=.57$  na Responsividade Proximal;  $a=.42$  na Responsividade Periférica). Assim, a Empatia Global materna teve um  $a=.73$ .

Por outro lado, a dimensão da Empatia Cognitiva paterna teve um alfa de *Cronbach* de  $a=.85$  (com as subdimensões:  $a=.86$  na dimensão Tomada de Perspetiva;  $a=.62$  na dimensão

Simulação Online). A dimensão da Empatia Afetiva paterna teve um alfa de *Cronbach* de  $a=.73$  (com as subdimensões:  $a=.69$  no Contágio Emocional;  $a=.64$  na Responsividade Proximal;  $a=.38$  na Responsividade Periférica). Assim, a Empatia Global paterna teve um  $a=.83$ .

Ressalva-se que no âmbito do presente trabalho apenas serão utilizadas as dimensões de Empatia Cognitiva e Afetiva, bem como o score global da empatia dos pais.

### **3. Procedimento**

Deu-se início à recolha de dados em novembro (2021). De forma a garantir os direitos dos participantes e do seu bem-estar, garantiu-se que a conduta desta investigação segue os códigos de ética da APA.

A participação no presente estudo foi de carácter voluntário e não remunerado. Os participantes foram avaliados num único momento de intervenção, através da aplicação de questionários.

Das 83 escolas/colégios/agrupamentos/ATL'S/grupos de escuteiros contactados, apenas se obteve a adesão de 23 escolas (ou seja, 28% de adesão), onde se deu a recolha de Norte a Sul. De forma a dar início ao estudo, começou-se por contactar as direcções dos locais escolares, via email, esclarecendo a finalidade da investigação e solicitando a sua colaboração nas recolhas de dados. Após autorizados pela entidade competente, as direcções reencaminharam um email para os encarregados de educação, no qual se explicou o objetivo do estudo e se solicitou a autorização para a participação dos seus filhos, recorrendo a um consentimento informado na plataforma *Qualtrics*. Foi possível aferir que a adesão dos progenitores nas escolas parceiras, ao responder ao consentimento informado, foi de (aproximadamente) 8.7%, sendo que a amostra foi posteriormente sendo reduzida pela falta de conclusão das etapas seguintes.

Após a análise desses dados, voltou a contactar-se as escolas para dar início às recolhas presenciais com as crianças, sendo fornecida uma lista com os participantes autorizados para o efeito.

Maioritariamente em todas as escolas, reuniu-se as crianças autorizadas numa sala à parte da restante turma e explicou-se o intuito daquele momento, de forma a solicitar o seu assentimento informado verbal. Seguidamente, foi-lhes entregue um bloco para que preenchessem: uma folha de rosto com questões sociodemográficas, o questionário de Empatia e o questionário de Vinculação para a relação com o pai/padrasto e a mãe/madrasta. Assim, procedeu-se à explicação das instruções e dos exemplos fornecidos no questionário, informando

ainda da disponibilidade para possíveis esclarecimentos. Ressalva-se que se referiu a anonimidade dos questionários, nomeadamente face aos seus pais e professores, e que não estaria com relacionado com nenhuma classificação escolar, de forma a reduzir a desejabilidade social e ansiedade. No fim, verificou-se se tinham respondido a todas as questões e agradeceu-se a participação individualmente.

Posteriormente à recolha de dados junto das crianças, procedeu-se à recolha de dados com os seus pais, tendo solicitado previamente o contacto quando preencheram o consentimento informado. Neste momento da recolha, enviou-se um email a agradecer a disponibilidade e solicitou-se que respondessem a um questionário online, tendo sido fornecido um *link* na plataforma *Qualtrics*. Nesse mesmo email foi explicado novamente o objetivo do estudo e, por isso, foi pedido que ambos os pais respondessem ao questionário, partilhando entre si um código que seria posteriormente utilizado para o cruzamento de dados entre pai-mãe-criança. Posteriormente na análise de dados, tomou-se a decisão de utilizar apenas um informante, devido à escassez de respostas completas pelo casal. O questionário dos pais era composto por algumas questões sociodemográficas (de si, do progenitor e da criança), um questionário de Regulação Emocional sobre a criança e um questionário de Empatia sobre si próprio.

Ao longo do tempo, foram enviados mais dois emails lembretes para os pais que não concluíram o preenchimento do questionário. Igualmente, as dúvidas que foram surgindo foram respondidas, via correio eletrónico.

Ressalva-se que, por email, foi sendo reforçado o agradecimento e importância da participação dos pais nesta investigação. Igualmente, há a intenção de enviar posteriormente um email com os resultados do estudo, incluindo a abreviação das principais conclusões, de forma a devolver o conhecimento científico gerado.

Neste trabalho procurar-se-á esboçar uma proposta de investigação com base em três variáveis, atribuindo-lhe uma natureza teórica e correlacional. Igualmente, o delineamento caracteriza-se por uma componente explanatória, havendo literatura prévia sobre isto, e por uma componente exploratória pois procurou-se investigar aspetos inovadores. Finalmente, como se propõe avaliar os sujeitos num só momento, atribui-se a designação de delineamento desenvolvimental transversal.

#### 4. Análise de Dados

Os dados obtidos com os questionários sociodemográficos foram ser introduzidos manualmente no *Excel* e posteriormente no *software IBM SPSS Statistics 27 for Windows*.

Primeiramente, realizou-se a análise descritiva dos participantes, atendo às médias e desvios-padrões (no caso das variáveis contínuas), bem como percentagens e frequências (no caso das variáveis nominais).

Posteriormente, confirmou-se a fiabilidade de cada um dos instrumentos aplicados à amostra em estudo, sendo os *alphas* previamente discriminados nos instrumentos.

Seguidamente, verificou-se a estatística descritiva das 4 variáveis em estudo. Ademais, será descortinada as correlações entre as variáveis sociodemográficas da amostra e as variáveis supracitadas, recorrendo ao teste de *Pearson* e à comparação de médias para compreender o seu impacto em cada um dos construtos em análise.

Segundo a literatura, as três variáveis em estudo (Empatia, Vinculação e Regulação Emocional) deverão relacionar-se entre si, sendo por isso pertinente avaliar a força e significância das relações causais. Como se trata de três variáveis quantitativas, procurou-se avaliar as correlações a cada par de variáveis com o Teste de *Pearson*.

Por último, serão apresentadas as regressões que permitem testar a significância e direccionalidade das relações entre as variáveis a que nos propomos estudar, atendendo às 3 primeiras hipóteses levantadas. Utilizando a regressão linear hierárquica vamos explorar as relações entre uma variável dependente (Empatia) e várias variáveis independentes (Vinculação e Empatia). Assim, as variáveis independentes não vão ser inseridas na regressão simultaneamente, sendo inseridas por etapas. Num primeiro nível serão explorados os contributos da Vinculação e, posteriormente, num segundo nível, será explorado o quanto as dimensões da Regulação Emocional acrescentam à capacidade de predição do modelo anterior.

Finalmente, de forma a analisar a última hipótese mediadora, utilizar-se-á o modelo 4 da *Macro Process* para o SPSS versão 27 (Hayes, 2020).

Ressalva-se ainda que o nível de significância adotado nesta investigação será de  $p < 0.05$ .



### III. RESULTADOS

#### 1. Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

##### 1.1. Vinculação

Relativamente à Vinculação, as crianças reportam mais a mãe, comparativamente ao pai, tanto na dimensão de Porto de Abrigo (PA) (PA mãe, M= 3.25; DP= 0.52; PA pai, M= 3.08; DP= 0.58) ( $t(217) = 4.41$ ;  $p < .001$ ) como Base Segura (BS) (BS mãe, M= 3.32; DP= 0.54; (BS pai, M= 3.23; DP= 0.58) ( $t(217) = 2.34$ ;  $p < .05$ ).

##### 1.1.1. Correlações Entre as Sub-Escalas da Security Scale:

Verificou-se ainda que, quanto mais alto é o valor de vinculação à mãe, mais alto também é o valor de vinculação ao pai, sendo esta correlação (significativa e positiva) válida para ambas as dimensões (tabela 1).

*Tabela 1 - Correlações Entre as Escalas do KSS Para a Relação de Vinculação à mãe e ao pai*

	Base Segura - Mãe	Porto de Abrigo - Mãe
Base Segura - Pai	.47*	.41*
Porto Abrigo - Pai	.39*	.48*

\*  $p < .01$

##### 1.1.2 Exploração das Variáveis Sociodemográficas com o KSS:

Realizando a correlação entre o KSS e as variáveis sociodemográficas contínuas, encontraram-se algumas relações significativas: quanto mais alto é o valor das habilitações literárias do pai, então mais elevado é o valor da vinculação ao pai (BS  $r = .19$ ,  $p < .01$  e PA  $r = .31$ ,  $p < .01$ ). Por outro lado, quanto mais elevado é o número de horas que a criança passa na escola, então menor é a vinculação à mãe (BS  $r = -.20$ ,  $p < .01$  e PA  $r = -.20$ ,  $p < .01$ ).

Ressalva-se que não foram encontradas outras correlações ou diferenças significativas.

## 1.2. Empatia das Crianças

No que concerne à Empatia das Crianças, tendo em conta os valores médios e desvio-padrão, verifica-se que as crianças possuem valores semelhantes de empatia afetiva ( $M=3.94$ ;  $DP=0.63$ ), em comparação com a empatia cognitiva ( $M=3.91$ ;  $DP=0.64$ ) ( $t(218) = -.943$ ;  $p=.17$ ).

### 1.2.1 Correlações Entre as Sub-Escalas do QCAE\_C:

Relativamente à correlação entre as sub-dimensões da empatia das crianças, o cálculo do coeficiente de *Pearson* demonstrou que quanto mais elevado é o valor da empatia afetiva, mais elevado é o valor da empatia cognitiva também ( $r=.58$ ;  $p<.001$ ).

### 1.2.2. Exploração Entre as Variáveis Sociodemográficas e o QCAE Versão Crianças:

Realizando a correlação entre o QCAE versão crianças e as variáveis sociodemográficas contínuas, encontraram-se algumas relações estatisticamente significativas. Relativamente à empatia cognitiva, esta está significativa e positivamente correlacionada com a idade da criança ( $r=.15$ ;  $p<.05$ ), com o ano de escolaridade ( $r=.16$ ;  $p<.05$ ), com as habilitações literárias da mãe ( $r=.14$ ;  $p<.05$ ) e do pai ( $r=.20$ ;  $p<.01$ ). Por fim, a empatia cognitiva está ainda relacionada negativamente com o número de horas que a criança passa na escola ( $r=-.14$ ;  $p<.05$ ). Por outro lado, a empatia afetiva está significativa e positivamente correlacionada com as habilitações literárias da mãe ( $r=.16$ ;  $p<.05$ ) e do pai ( $r=.14$ ;  $p<.05$ ).

Realizando a comparação de médias ANOVA (*one-way*) entre o QCAE versão crianças e as variáveis sociodemográficas categóricas, encontraram-se as seguintes diferenças significativas: as raparigas apresentam maiores scores de empatia afetiva ( $M=4.03$ ;  $DP=0.61$ ) do que os rapazes ( $M=3.86$ ;  $DP=0.64$ ) ( $F(1, 216) = 4.00$ ;  $p<.05$ ).

Ressalva-se que não foram encontradas outras diferenças ou correlações significativas.

## 1.3. Regulação Emocional

Relativamente à variável da Regulação Emocional, os pais descreveram as crianças como tendo maior Regulação Emocional ( $M=3.43$ ;  $DP=0.35$ ) e menor Labilidade ( $M=1.85$ ;

DP= 0.31) ( $t(218) = -41.60; p < .01$ ). Por último, o score global tem como média  $M = 3.25$  e desvio padrão  $DP = 0.28$ .

### 1.3.1. Correlações Entre as Sub-Escalas do ERC:

Relativamente à correlação entre as sub-dimensões da Regulação Emocional das crianças, o cálculo do coeficiente de *Pearson* demonstrou que as suas dimensões estão estatisticamente significativamente correlacionadas (tabela 2).

**Tabela 2** - Resultado das Correlações de *Pearson* Significativas Entre as Sub-Escalas do ERC das Crianças

	<b>Regulação Emocional</b>	<b>Global Regulação Emocional</b>
<b>Labilidade Emocional</b>	-.40*	-.92*
<b>Regulação Emocional</b>		.74*

\*  $p < .01$

### 1.3.2. Exploração Entre as Variáveis Sociodemográficas e o ERC

Realizando a correlação entre o ERC e as variáveis sociodemográficas contínuas, encontraram-se algumas relações estatisticamente significativas (tabela 5): a labilidade emocional, esta está significativa e negativamente correlacionada com as habilitações literárias da mãe ( $r = -.22; p < .01$ ); a regulação emocional está positiva e significativamente associada com as habilitações literárias da mãe ( $r = .27; p < .01$ ) e do pai ( $r = .16; p < .01$ ). Por último, o score global da regulação emocional está igualmente significativa e positivamente correlacionado com as habilitações literárias da mãe ( $r = .27; p < .01$ ) e do pai ( $r = .16; p < .01$ ).

Realizando a comparação de médias ANOVA (*one-way*) entre o ERC e as variáveis sociodemográficas categóricas, encontraram-se as seguintes diferenças significativas: filhos que não são primogénitos ( $M = 3.50; DP = 0.32$ ) apresentaram maiores scores de Regulação Emocional, do que os filhos que são primogénitos ( $M = 3.38; DP = 0.37$ ) ( $F(1, 217) = 6.08; p = 0.014; \omega = 6.49$ ).

Ressalva-se que não foram encontradas outras diferenças ou correlações significativas.

## 1.4. Empatia dos Pais

Os pais descrevem a sua Empatia como sendo superior na dimensão cognitiva ( $M=3.12$ ;  $DP=0.34$ ), comparativamente à Afetiva ( $M=2.75$ ;  $DP=0.44$ ) ( $t(218) = -10.61$ ;  $p < .001$ ). Relativamente à Empatia Global, apresenta os valores  $M=2.98$  e  $DP=0.29$ .

### 1.4.1. Correlações Entre as Sub-Escalas do QCAE Versão Adultos:

Relativamente à correlação entre as sub-dimensões da Empatia dos adultos (apresentada na tabela 3), o cálculo do coeficiente de *Pearson* demonstrou que as duas sub-dimensões estão estatisticamente significativamente correlacionadas uma com a outra. Adicionalmente, também se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre a Empatia Cognitiva e a Empatia Global, bem como entre a Empatia Afetiva e a Empatia Global.

**Tabela 3** - Resultado das Correlações de *Pearson* Significativas Entre as Sub-Escalas do QCAE Adultos

	Empatia Afetiva	Global - Empatia
Empatia Cognitiva	.13*	.83**
Empatia Afetiva		.66**

\**p-value* <.05; \*\* *p-value* <.01

### 1.4.1. Exploração Entre as Variáveis Sociodemográficas e o QCAE Adultos

Realizando a correlação entre o QCAE adultos e as variáveis sociodemográficas contínuas, encontrou-se apenas uma relação estatisticamente significativa: a Empatia Cognitiva relaciona-se negativamente com a idade de início de frequência na escola ( $r = -.14$ ;  $p < .05$ ).

Realizando a comparação de médias ANOVA (*one-way*) entre o QCAE adultos e as variáveis sociodemográficas categóricas, encontraram-se diferenças significativas, sendo que globalmente as mães se descrevem como sendo mais empáticas do que os pais. Concretamente, as mães ( $M= 3.22$ ;  $DP= 0.29$ ) descrevem-se como tendo maior empatia cognitiva do que os pais ( $M= 3.00$ ;  $DP= 0.37$ ) ( $F(1, 217) = 24.68$ ;  $p < .001$ ;  $\omega = 23.55$ ). O mesmo aconteceu relativamente à empatia afetiva, sendo que as mães ( $M= 2.83$ ;  $DP= 0.44$ ) o reportaram com maior prevalência do que os pais ( $M= 2.65$ ;  $DP= 0.42$ ) ( $F(1, 217) = 10.20$ ;  $p < .05$ ;  $\omega = 10.32$ ). Por último, as mães

(M= 3.08; DP= 0.24) reportam também maiores scores de empatia global do que os pais (M= 2.87; DP= 0.30) ( $F(1, 217) = 32.48; p < .001; \omega = 31.06$ ).

Ressalva-se que não foram encontradas outras diferenças ou correlações significativas

## 2. Associação entre Vinculação e Empatia da Criança

A vinculação, tanto ao pai como à mãe, demonstrou ter uma relação positiva e significativa com a Empatia da criança, em ambas as suas dimensões Afetiva e Cognitiva (como se pode verificar pela tabela 4).

Assim, pode-se afirmar que a primeira hipótese deste estudo foi verificada.

**Tabela 4** – Resultado da Correlação de *Pearson* Entre a Vinculação (mãe e pai) e a Empatia da Criança, Para H1

	Empatia Cognitiva - criança	Empatia Afetiva - criança
Base Segura - Pai	.34*	.27*
Porto de Abrigo - Pai	.30*	.23*
Base Segura – mãe	.28*	.30*
Porto de Abrigo - mãe	.36*	.32*

*A correlação é significativa no nível \*  $p < .01$ .*

## 3. Associação Entre Vinculação e a Regulação Emocional da Criança

A vinculação, tanto ao pai como à mãe, demonstrou ter algumas relações significativas com a dimensão da Regulação Emocional (como se pode verificar pela tabela 5).

Assim, pode-se afirmar que a segunda hipótese deste estudo foi verificada ao nível da vinculação (de ambos os pais) com as dimensões Labilidade e score Global. Por outro lado, a dimensão Regulação Emocional só se correlacionou com o Porto de Abrigo na relação com a mãe.

**Tabela 5** – Resultado da Correlação de *Pearson* Entre a Vinculação (mãe e pai) e a Regulação Emocional da Criança, Para H2

	<b>Labilidade Emocional</b>	<b>Regulação Emocional</b>	<b>Regulação Emocional Global</b>
<b>Base Segura - Pai</b>	-,15*	,06	,14*
<b>Porto de Abrigo - Pai</b>	-,17*	,07	,16*
<b>Base Segura – mãe</b>	-,23**	,12	,22**
<b>Porto de Abrigo - mãe</b>	-,20**	,17*	,22**

*A correlação é significativa no nível \*p-value <.05; \*\* p-value <.01.*

#### **4. Associação entre a Empatia e a Regulação Emocional da Criança**

Relativamente a este construto, verificou-se que quanto maior é a Regulação Emocional Global da criança, maior é a sua Empatia Cognitiva. Contrariamente, verificou-se que quanto maior forem os níveis da Labilidade Emocional, então menor é a sua Empatia Cognitiva (como se pode verificar pela tabela 6).

Assim, pode-se afirmar que a terceira hipótese deste estudo (só) foi verificada ao nível do score global da Regulação Emocional, que se demonstrou correlacionado com a Empatia Cognitiva. Adicionalmente, destaca-se que também se confirmou a hipótese ao nível da Labilidade Emocional com a Empatia Cognitiva, tendo em conta que a Labilidade é a dimensão negativa da RE e, por isso, deverá estabelecer relações negativas.

**Tabela 6** – Resultado da Correlação de *Pearson* Entre a Regulação Emocional da Criança e a Empatia da Criança, Para H3

	<b>Empatia Cognitiva - criança</b>	<b>Empatia Afetiva - criança</b>
<b>Labilidade Emocional</b>	-,16*	-,05
<b>Regulação Emocional</b>	,11	,09
<b>Regulação Emocional Global</b>	,17*	,08

*A correlação é significativa no nível \*p-value <.05.*

## 5. Associação entre a Empatia dos Pais e a Empatia das Crianças

Não se verificaram correlações significativas entre a Empatia dos Pais e a Empatia das crianças, ou seja, os níveis na empatia dos pais não influenciaram os níveis de empatia dos filhos (como se verifica pela tabela 7).

**Tabela 7** – Resultado da Correlação de *Pearson* Entre a Regulação Emocional da Criança e a Empatia da Criança, Para H3

	<b>Empatia Cognitiva - criança</b>	<b>Empatia Afetiva - criança</b>
<b>Empatia Cognitiva - Pais</b>	,002	,010
<b>Empatia Afetiva - Pais</b>	,041	,097
<b>Empatia Global - Pais</b>	,025	,063

## 6. Exploração da Vinculação e da Regulação Emocional Enquanto Preditores da Empatia da Criança: Regressão Linear Hierárquica

Nesta fase, vamos analisar 4 modelos: dois modelos para a Vinculação e a Empatia cognitiva, analisando a mãe e o pai; e outros dois modelos que analisem a vinculação, analisando novamente a mãe e o pai, com a empatia afetiva.

### **Modelo com a Vinculação da Mãe e RE Para Predizer a Empatia Cognitiva:**

Foi utilizada uma Regressão Linear Hierárquica para verificar se a Vinculação (nível 1: com a Base Segura mãe – BS mãe - e Porto de Abrigo mãe – PA mãe) e a Regulação Emocional (com o acréscimo nível 2: da Regulação Emocional e Labilidade Emocional) são capazes de prever a Empatia Cognitiva das crianças.

O primeiro modelo é estatisticamente significativo [ $F(2, 216) = 16.63$ ;  $p < .001$ ;  $R^2 = 0.133$ ]. Assim, apenas o Porto de Abrigo da mãe surge como preditor significativo da empatia cognitiva da criança ( $\beta = .32$ ;  $t = 3.78$ ;  $p < .001$ ). Verifica-se que a inserção da regulação emocional e da labilidade não vai melhorar o modelo ( $\Delta R^2 = 0.007$ ;  $F(4, 214) = 0.91$ ,  $p = .40$ ).

Neste sentido, não podemos afirmar que o nível 2 explique melhor os dados – conclui-se que o acréscimo da Regulação Emocional não é um melhor preditor do modelo do que

quando se analisa a Vinculação isolada. Assim, determina-se que a Vinculação da mãe na dimensão Porto de Abrigo prediz melhor a Empatia Cognitiva do que a Regulação Emocional.

### **Modelo com a Vinculação do pai e RE Para Predizer a Empatia Cognitiva:**

Foi utilizada uma Regressão Linear Hierárquica para verificar se a Vinculação (nível 1: com a Base Segura pai – BS pai - e Porto de Abrigo pai – PA pai) e a Regulação Emocional (com o acréscimo nível 2: da Regulação Emocional e Labilidade Emocional) são capazes de prever a Empatia Cognitiva das crianças.

O primeiro modelo é estatisticamente significativo [ $F(2, 215) = 15.177$ ;  $p < .001$ ;  $R^2 = 0.124$ ]. Assim, apenas a Base Segura do pai surge como preditor significativo da empatia cognitiva da criança ( $\beta = 0.246$ ;  $t = 2.904$ ;  $p = .004$ ). A inserção da regulação emocional e da labilidade não vai melhorar o modelo ( $\Delta R^2 = 0.012$ ;  $F(4, 213) = 1.515$ ,  $p < .001$ ).

Neste sentido, não podemos afirmar que o nível 2 explique melhor os dados – conclui-se que o acréscimo da Regulação Emocional não é um melhor preditor do modelo do que quando se analisa a Vinculação isolada. Assim, determina-se que a Vinculação do pai na dimensão Base Segura prediz melhor a Empatia Cognitiva do que a Regulação Emocional.

### **Modelo com a Vinculação da Mãe e RE Para Predizer a Empatia Afetiva:**

Foi utilizada uma Regressão Linear Múltipla para verificar se a Vinculação (nível 1: com a Base Segura mãe – BS mãe - e Porto de Abrigo mãe – PA mãe) e a Regulação Emocional (com o acréscimo nível 2: da Regulação Emocional e Labilidade Emocional) são capazes de prever a Empatia Afetiva das crianças.

O primeiro modelo é estatisticamente significativo [ $F(2, 216) = 13.682$ ;  $p < .001$ ;  $R^2 = 0.112$ ]. Assim, apenas o Porto de Abrigo da mãe surge como preditor significativo da empatia cognitiva da criança ( $\beta = 0.213$ ;  $t = 2.480$ ;  $p = 0.014$ ). A inserção da regulação emocional e da labilidade não vai melhorar o modelo ( $\Delta R^2 = 0.003$ ;  $F(2, 214) = 0.354$ ,  $p < .001$ ).

Neste sentido, não podemos afirmar que o nível 2 explique melhor os dados – conclui-se que o acréscimo da Regulação Emocional não é um melhor preditor do modelo do que



quando se analisa a Vinculação isolada. Assim, determina-se que a Vinculação da mãe (predominantemente o Porto de Abrigo) prediz melhor a Empatia Afetiva do que a Regulação Emocional.

### **Modelo com a Vinculação do pai e RE para Predizer a Empatia Afetiva:**

Foi utilizada uma Regressão Linear Múltipla para verificar se a Vinculação (nível 1: com a Base Segura pai – BS pai - e Porto de Abrigo pai – PA pai) e a Regulação Emocional (com o acréscimo do nível 2: da Regulação Emocional e Labilidade Emocional) são capazes de prever a Empatia Afetiva das crianças.

O primeiro modelo é estatisticamente significativo [ $F(2, 215) = 9.169; p < .001; R^2 = 0.079$ ]. Assim, apenas a Base Segura do pai surge como preditor significativo da empatia cognitiva da criança ( $\beta = 0.220; t = 2.527; p = .012$ ). A inserção da regulação emocional e da labilidade não vai melhorar o modelo ( $\Delta R^2 = 0.006; F(2, 213) = 0.719, p < .001$ ).

Neste sentido, não podemos afirmar que o nível 2 explique melhor os dados – conclui-se que o acréscimo da Regulação Emocional não é um melhor preditor do modelo do que quando se analisa a Vinculação isolada. Assim, determina-se que a Vinculação do pai na dimensão Base Segura prediz melhor a Empatia Afetiva do que a Regulação Emocional.

Em suma, da Regressão Linear Múltipla realizada com todas as variáveis, resume-se que a Vinculação parece predizer melhor a Empatia. Concretamente, a Vinculação materna na dimensão de Porto de Abrigo é o que melhor prediz a Empatia (tanto cognitiva como afetiva). Por outro lado, a Vinculação paterna na dimensão de Base Segura é o que melhor prediz a Empatia (igualmente em ambas as suas dimensões).

### **7. Efeito de Mediação da Regulação Emocional da Criança na Relação Entre a Vinculação e a Empatia da Criança**

Relativamente à última hipótese, utilizou-se o *Macro Process* de forma a averiguar a relação mediadora. Tendo em conta os resultados prévios das correlações, só se irá analisar os

construtos que provaram estar correlacionados, ou seja: Vinculação mãe, Vinculação Pai, RE global (que engloba a Labilidade que também teve resultados significativos) e Empatia Cognitiva.

Dos resultados obtidos interpreta-se que o efeito de mediação (efeito indireto) não foi significativo em nenhum dos modelos. Em suma, verificou-se que a Regulação Emocional Global não exerce um efeito mediador na relação entre as dimensões da Vinculação (de ambos os pais) e Empatia Cognitiva da criança, pelo que não se pode afirmar a veracidade da última hipótese levantada.

#### IV. DISCUSSÃO

O grande propósito deste estudo foi avaliar a influência da Vinculação na Empatia, por intermédio da Regulação Emocional. Assim, primeiramente, analisou-se cada variável individualmente.

##### **Discussão da análise das Variáveis com os Dados Sociodemográficos**

Especificamente, obteve-se que todas as dimensões da vinculação do pai e da mãe se correlacionaram entre si. Estes resultados foram concordantes com as observações da situação estranha de Fox et al. (1991), evidenciando uma possível concordância dos estilos de interação dos pais e, conseqüentemente, um alto grau de identificação sobre a visão de parentalidade no casal, justificando o facto de agirem de forma semelhante. Outra explicação refere ainda que um dos pais (o mais sensível e responsivo) poderá servir de modelo para o outro ou até podem aprender em conjunto sobre como responder às necessidades do seu filho, o que evidenciaria algumas semelhanças entre si com base no cuidado e, conseqüentemente, na vinculação (Fox et al., 1991). Complementarmente, segundo Fernandes et al., (2021), os resultados desenvolvimentais das crianças podem ser melhor preditos pelo efeito conjunto das interações relativas à vinculação de ambos os cuidadores, do que quando se considera a relação mãe-filho e pai-filho, de forma individual.

Por outro lado, verificou-se que as crianças reportam mais a mãe, em ambas as dimensões da vinculação, comparativamente ao pai. A literatura não é concisa neste assunto, sendo que alguns estudos foram concordantes com os nossos resultados, particularmente na meia infância (Barcsi et al., 2017; Seibert & Kerns, 2009), e outros não encontraram discrepâncias entre a vinculação dos cuidadores (Doyle et al., 2000). Uma possível explicação levantada para os nossos resultados, é o facto de o papel das mães ainda ser o mais valorizado socialmente, o que influencia a priorização que as mães fazem face aos seus filhos, em detrimento de outras esferas da sua vida como o trabalho ou relações sociais, como acontece mais frequentemente no caso dos pais (Bureau, 2016). Segundo Hofferth et al. (2002), mesmo quando ambos os pais procuram um equilíbrio entre o trabalho e a família, as mães relatam estar mais envolvidas nas tarefas relacionadas com o filho, o que poderá evidenciar outra potencial justificação secundária relacionada com o '*maternal gatekeeping*', ou seja, comportamentos maternos intrusivos na relação pai-criança (Altenburger et al., 2018).

Quando procurámos avaliar a influência das variáveis sociodemográficas na vinculação, reportou-se que as habilitações literárias do pai promovem valores mais elevados na dimensão

de base segura da vinculação paterna. Apesar da falta de literatura no sentido dos fatores protetores da vinculação, inversamente, diversos estudos corroboraram a influência dos contextos de pobreza - na qual se insere baixa a escolaridade dos pais - no desenvolvimento de uma vinculação mais insegura (Duncan et al., 1994; Fish, 2001; McLoyd, 1998; Raikes & Thompson, 2005).

Por último, da análise dos dados sociodemográficos com a vinculação, verificou-se que as crianças que passam mais tempo na escola foram as que reportaram níveis inferiores de vinculação materna na dimensão de Base Segura. Apesar da falta de literacia neste assunto, Merry e Howell (2009), defendem que a dinâmica de *homeschooling* previne a perda de intimidade que poderia ocorrer quando as crianças fossem para a escola. Nesse sentido, podemos procurar especular se um tempo mais alargado longe dos pais, como ocorre na escola tradicional, poderá ter implicações na vinculação.

Relativamente à análise da empatia das crianças, obteve-se também várias associações com as variáveis sociodemográficas. Primeiramente, verificou-se que habilitações literárias superiores dos pais promovem níveis mais elevados de empatia (tanto afetiva como cognitiva) nas crianças. O estudo de Guryan et al. (2008), revelou que mães com um nível de escolaridade superior passam mais tempo com os seus filhos, justificando que estão mais conscientes dos benefícios que isso trará ao desenvolvimento. Assim, é possível teorizar que estes cuidadores são mais empáticos na medida em que compreendem e priorizam as necessidades dos seus filhos, tendo também comportamentos mais empáticos com a criança que servirão de molde para as suas futuras interações.

Posteriormente, conclui-se que crianças mais velhas e que frequentam anos superiores de escolaridade, foram as que demonstraram ter níveis superiores de empatia cognitiva. Segundo Xu et al. (2022), a empatia cognitiva envolve a aquisição de uma série de processos cognitivos, como a teoria da mente e a tomada de perspetiva, que se desenvolvem ao longo da infância. Neste sentido, é expectável que estas capacidades e a empatia cognitiva esteja mais adquirida nas crianças mais velhas que, conseqüentemente, frequentam níveis superiores de escolaridade. Por outro lado, verificou-se que as crianças que passam mais tempo na escola têm níveis inferiores de empatia cognitiva. Atualmente, a escola ainda valoriza muito mais a aquisição de conhecimentos científicos do que os conteúdos socio-emocionais, sendo esta uma aprendizagem adquirida mais em contexto familiar. Assim, é possível especular que as crianças que passam mais tempo na escola, são também as que estão menos tempo com os pais, pelo que

perdem mais oportunidades de aprendizagem socio-emocional neste contexto tão específico. Como exemplo disto, o estudo de Kingston e Medlin (2005), concluiu que as crianças em regime *homeschooling* tiveram scores mais elevados de altruísmo do que as crianças que frequentam as escolas públicas e que, conseqüentemente, estão menos tempo com os pais.

Por último, a empatia afetiva demonstrou ser superior nas raparigas, o que coincidiu com a maioria dos estudos levantados sobre o assunto que revelam que o desenvolvimento e intensidade da empatia varia consoante o género (Li et al., 2021; Minzi, 2013; Murphy et al., 2015; Mark et al., 2002). Segundo Li et al. (2021), o género pode ter um papel diferente na empatia afetiva devido à expectativa social que lhe está associada, sendo que as meninas são mais encorajadas a demonstrar preocupação pelas necessidades dos outros e a ser mais empáticas, ao passo que a competição e independência é mais promovida nos rapazes. Com base nestas crenças, a sociedade desenvolve diferentes formas de interação consoante o género das crianças, promovendo essa autorrealização de profecias (Minzi, 2013).

A Regulação Emocional das crianças também foi alvo de análise neste estudo, tendo encontrado uma correlação positiva e significativa com as habilitações literárias dos pais. Segundo Suh e Flores (2017), pais com alto nível educacional desenvolveram a capacidade interna de autorregulação necessária para lidar com os obstáculos académicos, tendo posteriormente modelado e promovido essas mesmas capacidades de RE nos seus filhos.

Outro resultado importante nestas análises preliminares foi que os filhos não primogénitos, ou seja, os que têm irmãos mais velhos, foram os que obtiveram resultados mais elevados de regulação emocional. Este resultado é congruente com a maioria dos estudos revistos sobre o assunto, na medida em que as relações entre irmãos são um contexto natural e seguro para explorar e aprender sobre o mundo social, pois são obrigados a resolver os conflitos e a manter essa relação (Kramer, 2014). Assim, as interações entre irmãos oferecem oportunidades para identificar, discriminar, controlar, expressar e regular as suas emoções (Dunn, 2007). Segundo a teoria da aprendizagem social de Bandura, as crianças adquirem conhecimentos sobre o mundo social através da observação e imitação dos outros, sendo que o papel dos irmãos mais velhos se revela crucial como molde, particularmente pela alta identificabilidade e influência que têm na vida dos mais novos (Kramer, 2014). Assim, por meio da repetição destas dinâmicas, as crianças aprendem sobre as suas emoções e as dos outros, nomeadamente sobre como formular as respostas em situações específicas de conflito,

tolerando melhor o afeto negativo e acalmando-se antes de agir impulsivamente, ou seja, autorregulando-se (Dunn, 2007).

Por fim, analisou-se a influência das variáveis sociodemográficas na Empatia dos cuidadores, tendo-se verificado que as mães se descreveram como mais empáticas, em todas as dimensões, comparativamente com os pais. Este resultado é congruente com os estudos na área (Barnett et al., 1980; Minzi, 2013), que defendem que isto se deve a fatores culturais de estereótipos do género feminino, como referido previamente.

### **Discussão das Hipóteses**

Os dados obtidos nesta investigação corroboraram a primeira hipótese levantada, sustentando que a vinculação (em ambos os progenitores) teve uma relação significativa e positiva na empatia da criança (em ambas as dimensões). Este resultado vai ao encontro dos estudos anteriores que encontraram uma associação entre a vinculação e a empatia de forma transversal em adultos (Cobb, 1996; Hilburn-Cobb, 1998; Laible et al., 2000; Oldfield et al., 2015; Thompson & Gullone, 2008; Westmaas e Silver, 2001; You et al., 2015), adolescentes (Stern et al., 2021), crianças de idade escolar (Bohlin et al., 2000; Rydell et al., 2005; Seibert & Kerns, 2015) e crianças de idade pré-escolar (Bischof-Köhler, 2000; Johnson et al., 2007, 2010; Kim & Kochanska, 2017; Main e George, 1985; Mark et al., 2002; Murphy & Laible, 2013; Panfile et al., 2011).

Esta evidência empírica suporta a teoria de Bowlby (1982), segundo a qual as experiências de vinculação influenciam fortemente o desenvolvimento socio-emocional da criança. Neste sentido, as crianças aprendem a ser empáticas no contexto das relações seguras que estabelecem com os cuidadores (Panfile et al., 2011). Segundo Pines e Marrone (2003), os conceitos de responsividade e sensibilidade, característicos da vinculação, são paralelos ao conceito de empatia, na medida em que envolvem a capacidade de ver as coisas do ponto de vista da criança, estar alerta aos seus sinais e interpretá-los de forma rápida e apropriada. Como podemos constatar, isto está intimamente relacionado com as dimensões afetiva e cognitiva da empatia, isto é, pela compreensão do sofrimento do outro, a suscitação de preocupação face ao indivíduo e o desejo em prestar auxílio de forma a minimizar o seu estado interno aversivo (Shaver et al., 2016).

Assim, teoricamente, uma criança com vinculação segura presenciou, experienciou e beneficiou do cuidado generoso, responsivo e sensível do cuidador, constituindo assim um repertório de um modelo a seguir caso encontre alguém numa situação mais vulnerável (Shaver et al., 2016). Segundo esta ótica, os cuidadores vão fornecer um modelo empático importante, na medida em que as crianças interiorizam que, quando uma pessoa precisa, outra deve reagir com compaixão, como os seus pais fazem consigo (Shaver et al., 2016). Assim, se a criança tem um cuidador empático com o qual se identifica, tem maior probabilidade em se desenvolver como um indivíduo sensível, atencioso, responsivo e empático (Kestenbaum et al., 1989; Stern et al., 2021). Neste sentido, crianças com vinculação segura vão ter maior probabilidade de replicar os bons modelos empáticos que conhecem nas suas futuras interações sociais (Kestenbaum et al., 1989).

Ainda, crianças com vinculação segura sentem-se confortáveis em relacionar-se com os seus cuidadores, encontrando-se recetivas às interações empáticas e à comunicação aberta sobre as emoções (Shaver et al., 2016). Especificamente, um cuidador com comportamentos sensíveis, poderá ingressar em conversas ou instruções diretas sobre como sentir e agir perante uma situação em que alguém está em sofrimento, bem como explicar sobre os sentimentos que os outros têm e qual o impacto dos nossos comportamentos (Shaver et al., 2016). Esta aprendizagem emocional pode ainda se tornar mais rica quando surgem oportunidades para a criança praticar gestos empáticos, que podem ser momentos de reforço positivo dessa ação ou, contrariamente, a possibilidade de ouvir uma explicação sobre uma alternativa melhor (Shaver et al., 2016). Esta comunicação sobre as emoções é crucial para a compreensão do mundo social, sendo que para a criança ter uma resposta empática necessita primeiro de compreender, especificamente, que o outro indivíduo está angustiado (Shaver et al., 2016).

Por outro lado, resultante de cuidados sensíveis e responsivos, as crianças estão mais confortáveis com intimidade e independência nas suas restantes relações sociais, pelo que poderão estar mais recetivas aos pedidos de ajuda e à expressão de sentimentos vulneráveis dos outros (Shaver et al., 2016). Adicionalmente, de acordo com Bowlby (1969), este tipo de interação irá potenciar expectativas mais positivas face às relações com os outros, pensando mais facilmente que são merecedores de apoio e empatia. Outra explicação teoricamente plausível é que as crianças com vinculação segura vão ter as suas necessidades emocionais satisfeitas pelos pais e, por isso, podem atender ao stress do outro de forma empática (Shaver et al., 2016). Por último, Li et al. (2021), defendem que esta relação entre vinculação e empatia

também pode ser explicada por antecedentes comuns com os pais, nomeadamente a genética, temperamento e vulnerabilidade social.

Relativamente à análise da segunda hipótese deste estudo, os resultados foram ao encontro do que era esperado, demonstrando que as crianças com vinculação mais segura (a ambos os pais) foram as que tiveram níveis superiores de Regulação Emocional (concretamente menores valores de Labilidade Emocional e maiores no Score Global). As revisões literárias que se focam na influência da vinculação na regulação emocional são consistentes entre si e com os nossos resultados, concluindo que as crianças com vinculação segura são melhores a regular as suas emoções e o stress pessoal, recorrendo a estratégias mais adaptativas (Brumariu, 2015; Cassidy, 1994; Contreras et al., 2000; Cooke et al., 2019; Parrigon et al., 2015; Zimmer-Gembeck et al., 2015). Especificamente, a literatura evidencia que as relações de vinculação segura promovem o desenvolvimento das competências socio-emocionais nas crianças, tendo em conta que estas relações são o contexto ideal para aprender sobre as emoções e autorregulação (Bureau et al., 2016; Panfile & Laible, 2012). Tendo em conta que este estudo é de natureza correlacional, estudos futuros são necessários para que examinem esta relação causal, ainda que seja possível exibir algumas das teorias evidenciadas na literatura.

Para Bowlby e Ainsworth, a vinculação vai ser a base para a regulação emocional, na medida em que as interações com os cuidadores são um protótipo para a futura autorregulação da criança (Sroufe, 2005). Podemos ver esta interação diádica de regulação emocional tão cedo quanto os 3 meses de idade, quando a criança começa a esboçar o sorriso social que atrai os cuidadores para trocas emocionais positivas (Kopp, 1989). Mais tarde, os cuidadores procuram modelar a excitação da criança através das interações cara-a-cara, desenvolvendo-se alguma tolerância aos estímulos e a diminuição da excitação enquanto a criança está focada naquela interação (Kopp, 1989). Assim, à medida que os cuidadores regulam as emoções da criança, é interiorizado esta discriminação dos diferentes estados internos e as associações entre as suas ações, as ações do cuidador e potenciais consequências na mudança emocional (Kopp, 1989). Durante o crescimento, o repertório comportamental da criança é ainda incompleto para a sobrecarga de estímulos derivados das novas experiências, pelo que o papel dos pais é crucial e é necessário confiarem que as suas necessidades serão atendidas com recurso a estratégias de RE adequadas (Kopp, 1989). Outra teoria de Bowlby que integra esta questão é a complementaridade dos modelos internos, ou seja, à medida que a criança ganha confiança na



capacidade do cuidador em fornecer uma resposta adequada às suas necessidades, também ela vai ganhar confiança na sua própria capacidade de regulação emocional (Sroufe, 2005).

Mais tarde na vida da criança, por volta dos 5 meses, ela própria procura o contacto com o cuidador de forma a sinalizar as suas diferentes necessidades. Inicialmente os cuidadores podem recorrer a objetos (brinquedos, fralda...) de forma a distrair a criança de um estado aversivo ou indicar-lhes uma exploração prazerosa (Kopp, 1989). Depois, quando as crianças estão com algum desconforto e os pais não estão imediatamente disponíveis, podem procurar aliviar intencionalmente esse estado aversivo através desses mesmos objetos (Kopp, 1989). Neste sentido, pais sensíveis e disponíveis aos sinais de angústia dos seus filhos vão progressivamente ensinar-lhes capacidades adaptativas regulação emocional (Kim & Page, 2013). Posteriormente, na meia infância, as crianças com vinculação segura têm oportunidade para comunicar de forma aberta sobre as emoções, tendo a capacidade de atender a diretrizes sobre como regular o afeto positivo e negativo (Kim & Page, 2013). Congruente, a meta-análise de Cooke et al. (2016), descobriu que as crianças com melhor vinculação também têm uma compreensão superior das emoções. Adicionalmente, o estudo de Laible e Thompson (1998) demonstrou que os cuidadores com relações de vinculação segura utilizam mais frequentemente uma linguagem elaborada e descritiva sobre as emoções, o que poderá justificar a compreensão emocional mais apurada dos seus filhos. Assim, teoriza-se que os pais com vinculação segura aceitem e validem as emoções dos filhos, estimulando assim o uso de estratégias mais adaptativas para lidar com diferentes situações (Cassidy, 1994; Fonagy et al., 1991; Laible & Thompson, 1998; Meyer et al., 2014).

Os resultados obtidos na presente investigação indicaram, ainda, que a vinculação materna na dimensão Porto de Abrigo foi a que mais contribuiu para níveis melhores na sub-dimensão de Regulação Emocional das crianças. Segundo Cooke et al. (2019), as crianças com vinculação segura demonstram ter uma melhor RE, pois são capazes de utilizar a base segura e o porto de abrigo dos cuidadores para se envolverem em interações sociais com outras pessoas, o que lhes dá a oportunidade de vivenciar mais amplamente várias emoções, dialogarem e aprenderem diferentes estratégias de *coping* (Cooke et al., 2019). Como visto anteriormente, as crianças reportaram mais a mãe como Porto de Abrigo, na medida em que será a figura que as acolhe nos momentos de adversidade depois de explorarem, socializarem e necessitarem de auxílio para regular alguma emoção mais forte que foi suscitada naquele momento.

Concomitantemente, foi levantada a terceira hipótese, que defende que as crianças com melhor RE são mais empáticas. Os nossos resultados demonstraram que esta correlação (ao nível da RE e inversamente da Labilidade Emocional) apenas se verificou com a empatia cognitiva e não com a afetiva, o que diferiu dos estudos anteriores que encontraram uma correlação transversal a ambas as dimensões (Knight et al., 1994; Lennon et al., 1986; Murphy et al., 1999; Panfile & Laible, 2012; Ventura, 2016).

Segundo Eisenberg (2005), os indivíduos que se sabem regular melhor emocionalmente experienciam níveis menores de emoções negativas e têm maior empatia, focando as suas capacidades mentais em prestar auxílio ao outro que está angustiado. Panfile et al. (2011), acrescenta ainda que, apesar da veracidade da afirmação anterior, os indivíduos com maior empatia afetiva são aqueles que sentem mais a experiência afetiva do outro e, conseqüentemente, vivenciam também maiores níveis de stress pessoal e preocupação exacerbada perante essa situação angustiante. Assim, podem ficar sobrecarregados com a mobilização de recursos para atender à sua própria resposta emocional naquela situação, o que revela alguma dificuldade ao nível da regulação emocional que é necessária para efetivamente ajudar o outro (Henschel et al., 2020).

Segundo Ventura (2016), uma melhor regulação emocional significaria num conjunto mais apurado de recursos cognitivos, como a interiorização da tomada de perspectiva, que é uma das características da empatia cognitiva. Assim, a empatia cognitiva estaria associada a um processamento mais eficaz da emoção, ao passo que indivíduos com níveis superiores de empatia afetiva estão mais propensos a expressarem as suas próprias emoções, não atendendo às dos outros de forma eficaz (Ventura, 2016). Desta forma, esta explicação poderá justificar o facto de só a RE e a empatia cognitiva estarem relacionadas, na medida em que as crianças com melhor RE sabem ativar o seu repertório de estratégias adaptativas para lidar com o tal stress pessoal perante a angústia do outro (Henschel et al., 2020).

Por fim, a quarta e principal hipótese deste estudo não foi verificada, sendo que não se obteve um efeito de mediação da regulação emocional na relação entre a vinculação e empatia das crianças. Este resultado não foi congruente com os estudos publicados sobre o assunto que encontraram sempre uma mediação entre as referidas variáveis (Davidov & Grusec, 2006; Murphy et al., 2015; Panfile & Laible, 2012; Henschel et al., 2020; Stefan & Avram, 2018; Troyer & Greitemeyer, 2018). Neste sentido, era expectável que crianças que têm relações de

sensibilidade e responsividade com os pais, ou seja, uma vinculação segura, aprendessem a regular-se melhor emocionalmente nessa díade e a gerir melhor as próprias emoções negativas (stress pessoal), de forma a poderem atender ao stress do outro e responder-lhe mais empaticamente (Eisenberg et al., 2001).

Uma das limitações deste trabalho foi o facto de o instrumento de regulação emocional escolhido não avaliar diretamente a gestão do stress pessoal oriundo da angústia do outro. Assim, o principal mecanismo pelo qual se procurou justificar a relação entre a vinculação e a empatia não pôde ser especificamente avaliado. Ressalva-se ainda que, nos estudos anteriores, a regulação emocional foi maioritariamente avaliada através de observações diretas de comportamentos (Panfile & Laible, 2012; Stefan & Avram, 2018) e da análise das estratégias concretas de RE usadas (Troyer & Greitemeyer, 2018; Murphy et al., 2015; Henschel et al., 2020). Neste sentido, apenas o estudo de Davidov e Grusec (2006), recorreu integralmente ao mesmo instrumento que foi aqui utilizado para avaliar a RE, sendo que optou por uma cotação alternativa à oficial e, conseqüentemente, à que foi utilizada nesta investigação. Assim, acreditamos que a principal justificação para a falta de resultados da mediação se prende pela forma como foi avaliado o construto da regulação emocional, não atendendo às estratégias concretas utilizadas, mas sim à percepção dos pais.

Ainda, os estudos que encontraram uma relação de mediação entre as referidas variáveis foram analisados com crianças de idade pré-escolar (Panfile & Laible, 2012; Stefan & Avram, 2018) ou em adolescentes (Murphy et al., 2015) e adultos (Troyer & Greitemeyer, 2018). Assim, do nosso conhecimento, o estudo de Davidov e Grusec (2006) foi o único que atentou analisar a referida mediação em crianças de idade escolar, ainda que apenas tenha analisado a sensibilidade materna e não a relação de vinculação como um todo, a ambos os pais. Neste sentido, é possível especular que os nossos resultados derivem da especificidade da faixa etária da nossa amostra, representando um fenómeno diferente desta fase de desenvolvimento que ainda não havido sido explorada na literatura existente até à data.

Por outro lado, a relação entre a vinculação e a empatia pode ser melhor justificada por outros fatores que não foram avaliados, como o temperamento da criança, fatores culturais ou genética (Stern et al., 2021; Mark et al., 2002). Estudos futuros são necessários de forma a compreender se é possível replicar os moldes desta investigação e chegar a novos resultados ou, se pelo contrário, há a intervenção de outros fatores mediadores que não foram explorados.

De forma a encontrar uma alternativa para este não resultado, procurou-se compreender o que teria mais impacto na empatia das crianças, se seria a vinculação ou a regulação emocional, o que foi avaliado através de regressões lineares hierárquicas. Os resultados encontrados demonstraram que a vinculação é que exerce um efeito maior.

Neste sentido, destaca-se que os nossos resultados demonstraram ser congruentes com o corpo teórico de investigação que postula que a socialização resulta da responsividade recíproca entre o cuidador e a criança (Mikulincer et al., 2001). Assim, quando o cuidador tem uma interação menos sensível e responsiva com a criança, mais provavelmente irá influenciar a que a criança seja também menos responsiva aos sinais dos próprios cuidadores e dos outros em contexto social (Mikulincer et al., 2001). Assim, conclui-se que a empatia não tem que ser ensinada explicitamente, mas que é desenvolvida naturalmente no contexto da relação pautada por responsividade mútua (Mikulincer et al., 2001). Crucialmente, a vivência de ter uma base segura e um porto de abrigo em tempos de stress, fornece o molde para as crianças terem a capacidade de cuidar dos outros, na qual se ergue a capacidade empática (Mikulincer et al., 2001).

A investigação tem vindo a postular que a vinculação segura está relacionada com a confiança no self, a capacidade em gerir o stress de forma eficaz e uma menor preocupação com necessidades autocentradas (Mikulincer, 1998). Neste sentido, segundo Bowlby (1969), a segurança na vinculação vai promover comportamentos altruísticos com os outros, na medida em que as suas necessidades emocionais vão estar satisfeitas e, portanto, podem despende dos seus recursos internos para aliviar o stress do outro. Por outro lado, o desenvolvimento de modelos internos operantes positivos, desenvolvidos na vinculação, podem contribuir para reações empáticas na medida em que ajudam a manter a sensação de controle e autoconfiança necessários para lidar eficazmente com a angústia do outro (Mikulincer et al., 2001). Consistente com esta teoria, Lehman et al. (1986), descobriram que ameaças à autoestima tendem a inibir as reações altruístas.

Concretamente, fruto dos resultados deste estudo concluiu-se ainda que a vinculação materna na dimensão de Porto de Abrigo é o que melhor prediz a Empatia das crianças, ao invés da RE. Por outro lado, na Vinculação paterna foi a dimensão de Base Segura que melhor predizeu a Empatia, ao contrário da RE.

Os nossos resultados demonstraram ser congruentes com a literatura que afirma que as mães providenciam um apoio mais relacionado ao Porto de Abrigo e os pais mais característico

da Base Segura, tanto numa amostra do pré-escolar (Bretherton, 2010) como na meia infância e adolescência (Kerns et al., 2015). Neste sentido, as mães acabam por estar mais envolvidas em tarefas de cuidado rotineiro dos filhos, ao passo que os pais passam mais tempo em atividades de exploração (Guryan et al., 2008). Apesar disto, Kerns et al. (2015) defendem que ambos os pais podem ser figuras importantes de vinculação, adotando papéis complementares na relação que são cruciais para o desenvolvimento social da criança. A referida complementaridade de papéis é mais provável de ocorrer quando ambos os cuidadores estão disponíveis, pelo que a ausência de uma das figuras de vinculação significará a ativação dos esforços da outra figura para fornecer todo o tipo de apoio de forma concomitante (Kerns et al., 2015).

A vinculação é pautada pela constante interação entre utilizar a base segura para explorar o meio e retornar ao porto de abrigo quando a criança está angustiada (Fernandes et al., 2021). Segundo os pressupostos de Bowlby (1982), a vinculação é co-construída com base no tipo de interações entre criança-cuidador, sendo que desde os primeiros meses de vida que os pais estimulam mais a brincadeira e as mães são mais tranquilas e procuram a mediação de objetos (Veríssimo et al., 2011). Grossmann et al. (2002), suportaram esta ideia, descobrindo que a sensibilidade dos pais, ao brincarem com os filhos de 2 anos, previu a segurança na vinculação aos 10 anos de idade, ao contrário das mães. Por outro lado, Steele et al. (1996), sugeriu que a vinculação materna está mais relacionada com o mundo interno da criança, ao passo que a vinculação paterna está mais associada à exploração do mundo exterior. Coletivamente, os estudos desenvolvidos até à data sugerem que os cuidadores têm papéis diferentes que estão associados ao tipo de interação que estabelecem com a criança, sendo o pai atribuído a uma função de suporte na exploração e a mãe à função de acolher após uma situação aversiva.

Neste sentido, podemos concluir que os pais têm diferentes papéis no desenvolvimento da vinculação e, conseqüentemente, diferentes implicações no desenvolvimento social da criança, nomeadamente ao nível da empatia (Kim & Kochanska, 2017). Möller et al. (2014), relataram existir diferenças na forma como o pai e a mãe comunicam com a criança, sendo que no cuidado precoce as mães procuram tranquilizar e confortar mais o sofrimento da criança do que o pai. Por outro lado, Grossaman et al. (2002) defende que o pai procura incentivar a criança a brincar de forma cada vez mais madura, ajudando-a a manter-se motivada, e tendo em conta o seu ponto de vista enquanto faz sugestões e explicações. Neste sentido, parece que ambos os

pais têm comportamentos empáticos para com a criança, que vai interiorizando a junção destes dois modelos positivos.

Por fim, esta investigação delineou ainda uma hipótese alternativa que explicasse a influência dos pais na empatia das crianças, tendo em conta os comportamentos de replicação e modelagem. Na presente investigação, não se encontrou uma correlação significativa entre a empatia dos pais e a empatia das crianças. Neste sentido, os resultados não foram ao encontro do postulado teórico, no qual a partir da observação das ações empáticas dos cuidadores, as crianças replicam e desenvolvem as suas competências sociais (Minzi, 2013).

Apesar da literatura teórica sustentar a nossa hipótese, não há um consenso relativamente aos resultados dos estudos empíricos. Congruente com a presente investigação, Strayer e Roberts (1989) não encontraram uma relação entre a empatia das crianças e a empatia dos próprios pais. Contrariamente, os estudos mais antigos demonstraram existir essa correlação, ainda que baixa (Bernadett-Shapiro et al., 1996; Hunter & Schmidt, 1990; Kalliopuska, 1984; Strayer & Roberts, 1989). No mesmo sentido, o estudo de Zahn-Waxler et al. (1979) demonstrou que o cuidado empático dos cuidadores foi associado à preocupação empática das crianças na relação com os outros. Mais recentemente, outros estudos demonstraram que os pais mais sensíveis e preocupados (no qual se depreende indiretamente que sejam mais empáticos) foram mais associados a filhos com maior empatia (Newton et al., 2014; Upshaw et al., 2015; Strayer & Roberts, 2004; Taylor et al., 2013; Zhou et al., 2002).

Ressalva-se que os estudos que encontraram associações significativas entre as referidas variáveis, primaram por métodos de observação direta, sendo que o único estudo que teve resultados semelhantes aos nossos utilizou igualmente questionários de autorrelato. Neste sentido, podemos afirmar que uma das justificações para o resultado obtido poderá derivar das limitações associadas ao método escolhido. Primeiramente, as medidas de autorrelato têm problemas de desejabilidade social, o que é evidenciado sobretudo nos adultos (Stern et al., 2015). Depois, o questionário evidencia a perceção que os indivíduos têm face à sua empatia, não sendo possível avaliar as suas tendências reais, o que é altamente subjetivo (Stern et al., 2015). Em terceiro lugar, os questionários de empatia frequentemente confundem a empatia afetiva com o stress pessoal, apesar de existir evidência de que o stress pessoal pode inibir o comportamento empático (Eisenberg et al., 2006). Adicionalmente, estas medidas de autorrelato avaliam a empatia como um único construto, não assumindo qualquer variabilidade

perante diferentes situações ou relações (Stern et al., 2015). Por último, este instrumento procura avaliar a empatia dos pais nas suas relações gerais, incluindo os pares, pelo que não se especifica nas interações entre cuidador-criança onde teoricamente teriam influência (Stern et al., 2015).

Segundo Schaefer (1965), a percepção que a criança tem dos comportamentos dos seus pais está mais relacionada com a sua própria empatia, do que o comportamento real que estes adotam. Neste sentido, é necessário estudar a percepção das crianças sobre a empatia parental, na medida em que parece ser o que representa mais a empatia que é efetivamente observada pela criança e que será o molde para os seus comportamentos futuros, além de que ultrapassa a provável lacuna entre o que os pais dizem e fazem.

Em suma, há um leque de justificações para que os resultados fossem diferentes dos espectáveis, sendo que a forma de avaliar o construto foi, talvez, o mais preponderante.

### **Limitações e Estudos Futuros**

Apesar de dar alguns contributos para a ciência, a presente investigação também teve as suas limitações.

Primeiramente, apesar da recolha de dados ter sido feita em diferentes regiões do país, a amostra do estudo revelou-se homogénea, com grande parte sendo caucasiana, com pais com formação avançada e vinculação predominantemente segura. Assim, não se garante que os resultados possam ser replicados com uma amostra, por exemplo, de crianças com diferentes culturas e níveis socioeconómicos.

Apesar do uso dos questionários ter várias vantagens, como a sua facilidade de administração, tem limitações. Assim, os grandes problemas das investigações por inquérito são a deseabilidade social (o participante responde de acordo com aquilo que considera socialmente aceitável) e a reatividade (o participante tende a não ser sincero pois sabe que as respostas vão ficar registadas). Apesar de termos assegurado a confidencialidade dos dados, este é um risco sempre que se escolhe as medidas de questionário. Neste sentido, sugere-se que a vinculação seja avaliada futuramente com medidas de observação que permitem abranger um leque mais variado de interações e comportamentos da díade. O mesmo se aplica à medida escolhida para avaliar a empatia, pelo que estudos futuros deverão ter em conta que a maioria dos estudos, que obteve resultados favoráveis, procurou analisar a empatia da criança através

de observações do seu comportamento e reações a cenários específicos. Em suma, sugere-se que idealmente os estudos futuros primam por uma abordagem multimétodo, incluindo medidas de observação que diminuam o efeito de Halo.

Tal como referido anteriormente, outra falha foi não termos escolhido um instrumento que avaliasse as estratégias de RE dos aspetos cognitivos (reconhecimento da emoção e tomada de perspectiva) e afetivos (como a preocupação, compaixão, ressonância emocional) (Shaver et al, 2016), bem como a capacidade de gestão do stress pessoal, que seria o principal fator explicativo da nossa teoria. Assim, sugere-se que os estudos futuros procurem compreender o efeito de mediação recorrendo a observações ou até medidas de reações fisiológicas a situações concretas de indução de stress pessoal. Além do mais, sugere-se ainda que estudos futuros procurem analisar se a gestão do stress pessoal influencia mais a relação entre a vinculação e a empatia, do que a regulação emocional.

Outra limitação diz respeito a valores de alfa de *Cronbach* baixos, apesar de satisfatórios, para o instrumento da regulação emocional. Ainda, a regulação emocional das crianças foi avaliada através da perceção dos pais, o que poderá ter sido altamente enviesado consoante o modelo que os próprios pais interiorizaram de “bom” e “mau”. Por outro lado, os pais podem ter enaltecido as características mais positivas dos filhos, e relativizado as mais negativas, porque têm uma impressão geral mais positiva e procuraram transmiti-la (Panfile et al., 2011).

Adicionalmente, destaca-se que avaliámos crianças tão pequenas como 8 anos pelo que, tendo em conta os últimos anos pandémicos e a inerente falta de interação social, podem simplesmente não ter tão presente essa perceção empática. Por outro lado, a pandemia também acarretou que estas crianças aprendessem a ler e a escrever através da telescola, o que justificaria as dificuldades evidentes na leitura e interpretação dos questionários e, conseqüentemente, a provável deturpação de algumas das respostas.

Outro ponto de destaque é que, devido à natureza correlacional do estudo, não foi possível aferir causalidade entre as variáveis. Assim, a direção oposta ou bidirecionalidade entre os efeitos, é possível. Neste sentido, sugere-se que os estudos futuros sejam longitudinais, de forma a compreender como surge cada variável e como se influenciam, separadamente ou simultaneamente, ajudando a determinar a direção dos efeitos e outras potenciais variáveis que não foram exploradas (como experiências sociais com os pais, cuidadores, pares, professores, etc...).



Como explicitado anteriormente, a literatura ainda é escassa neste tema, pelo que se sugere que estudos futuros abranjam mais idades. Segundo Stern et al. (2021), há evidência que demonstra que os adolescentes estabelecem relações de vinculação com os amigos, sendo esta relação benéfica para o desenvolvimento diádico da empatia. Assim, sugere-se que se crie um estudo na adolescência com o mesmo design que o nosso, mas no qual a vinculação é avaliada face aos amigos, ou até relativamente aos professores como foi sugerido pelos próprios em algumas das escolas onde se sucedeu a recolha de dados.

Por outro lado, o objetivo inicial do estudo seria comparar os pais com as mães, o que não foi possível devido à baixa adesão de ambos os progenitores da mesma criança. Neste sentido, sugere-se que futuramente se procure atender a este aspeto que pode vir a dar fortes contributos na área do desenvolvimento.

Finalmente, a explicação entre a vinculação e a empatia provavelmente não é totalmente mediada pela RE, pelo que pode ser explicada por outros fatores como genética, temperamento, religião, socialização dos pais, contextos culturais, estatuto socioeconómico e vulnerabilidade social (Shaver et al., 2016). Assim, seria interessante que estudos futuros alargassem a investigação a outros fatores mediadores e moderadores.

Ainda, futuramente, poderia procurar-se explorar os mecanismos biológicos no cérebro que estão subjacentes ao impacto da vinculação no desenvolvimento da regulação emocional e consequente desenvolvimento da empatia (Ventura, 2016). Assim, se houver algum substrato neuronal que sustente esta teoria, torna-se possível complementar a avaliação psicológica nas populações de risco e intervir de forma mais atempada e especializada (Ventura, 2016).

Tendo em conta os contributos que esta e outras investigações tiveram, em que demonstram a importância da vinculação na empatia, bem como os benefícios de crianças que se sabem regular melhor, sugere-se que futuramente estes resultados sejam levados para a componente prática. Assim, dever-se-á investir em intervenções precoces que promovam uma vinculação segura e previnam potenciais prejuízos nas capacidades socio emocionais das crianças. Assim, ao sabermos como estas variáveis estão relacionadas, a intervenção deve-se focar em instigar nos pais as competências necessárias para responderem com sensibilidade e responsividade às necessidades do filho, promovendo assim um conjunto de capacidades intra e interpessoais, que são cruciais para o desenvolvimento saudável do ser humano ao nível relacional, ocupacional e físico (Murphy et al., 2015; Ventura, 2016).

Desta forma, sugere-se ainda a aplicação de um programa escolar, semelhante ao já existente “Roots of Empathy”, que utiliza como molde as interações positivas entre pais-crianças para envolver os jovens em discussões reflexivas sobre as emoções, o que já demonstrou ter um impacto positivo na sua empatia (Schonert-Reichl et al., 2012). Outros programas baseados em evidência científica, implementados em escolas nos Estados Unidos, promovem uma mudança cognitiva na forma das crianças interpretarem e gerirem a emoção, como é exemplo o *PATHS* (Greenberg et al., 1995), o *Second Step* (Cooke et al., 2007) e *Making Choices* (Fraser et al., 2000), que demonstraram ter resultados ao nível do comportamento social. Tendo em conta o papel dos pais no desenvolvimento socio emocional dos filhos, um programa de intervenção com foco na RE das crianças deve, concomitantemente, visar o desenvolvimento da consciencialização dos pais para a sua própria responsividade emocional (Kim & Page, 2013). Assim, só fruto de uma intervenção baseada em evidência científica e que contam com o apoio dos cuidadores e professores, é que conseguiremos impactar positivamente no desenvolvimento das crianças.

## **Conclusão**

Do nosso conhecimento, este foi o primeiro estudo que tentou examinar o papel mediador da regulação emocional na relação entre a vinculação e a empatia, em crianças de idade escolar. Apesar dos resultados não terem ido ao encontro do que era esperado, a presente investigação permitiu dar a conhecer os primeiros passos nesta faixa etária e diversas sugestões de estudos futuros que possam vir a dar continuidade ao que foi desenvolvido até à data.

Por outro lado, há pouca evidência científica que analise a relação entre as variáveis tendo em conta a relação de vinculação pai-criança, além da mãe. Neste sentido, apesar de não ser um estudo comparativo entre ambos os progenitores, permitiu dar a conhecer também o impacto que o pai teve na vinculação e empatia de algumas das crianças nesta amostra.

Tendo corroborado a existência de uma relação significativa entre as variáveis supracitadas, este estudo traz implicações teóricas que são transversais para a prática. Como a empatia é uma qualidade tão desejável e importante nas relações sociais, os profissionais poderão utilizar as conclusões deste estudo de forma a trabalhar com os pais e aumentar a regulação emocional e a empatia das crianças.

## V. REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709.
- Ainsworth, M., & Bell, S. M. (1970). Attachment, Exploration, and Separation: Illustrated by the Behavior of One-Year-Olds in a Strange Situation. *Child Development*, 41(1), 49–67. <https://doi.org/10.2307/1127388>
- Altenburger, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., & Kamp Dush, C. M. (2018). Associations between maternal gatekeeping and fathers' parenting quality. *Journal of Child and Family Studies*, 27(8), 2678-2689.
- Arieli, S., Grant, A.M., & Sagiv, L. (2014). Convincing Yourself to Care About Others: An Intervention for Enhancing Benevolence Values. *Journal of personality*, 82 (1), 15-24.
- Barcsi, B., Hollódy, K., Péley, B., Dorn, K., Kerns, K. A., Rózsa, S., ... & Kállai, J. (2017). Security, reliance and availability: Psychometric features of the Kerns' Security Scale in Hungarian population. *Mentálhigiéné és Pszichoszomatika*, 18(2), 171-193.
- Barnett, M. A., King, L. M., Howard, J. A., & Dino, G. A. (1980). Empathy in young children: Relation to parents' empathy, affection, and emphasis on the feelings of others. *Developmental Psychology*, 16(3), 243.
- Baron-Cohen, S., Richler, J., Bisarya, D., Gurunathan, N., & Wheelwright, S. (2003). The systemizing quotient: an investigation of adults with Asperger syndrome or high-functioning autism, and normal sex differences. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences*, 358(1430), 361-374.
- Barrett, L. F., Lewis, M., & Haviland-Jones, J. M. (Eds.). (2016). *Handbook of emotions*. Guilford Publications.
- Bernadett-Shapiro, S., Ehrensaft, D., & Shapiro, J. (1996). Father participation in childcare and the development of empathy in sons: An empirical study. *Family Therapy*, 23(2), 77–93.
- Bischof-Köhler, D. (2000). Empathie, prosoziales Verhalten und Bindungsqualität bei Zweijährigen [Empathy, prosocial behavior and security of attachment in two-year-olds]. *Psychologie in Erziehung und Unterricht*, 47(2), 142–158.
- Bohlin, G., Hagekull, B., & Rydell, A. M. (2000). Attachment and social functioning: A longitudinal study from infancy to middle childhood. *Social Development*, 9(1), 24–39.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664.
- Bowlby, J. (1989). The role of attachment in personality development and psychopathology. In S. I. Greenspan & G. H. Pollock (Eds.), *The course of life, Vol. 1. Infancy* (pp. 229–270). International Universities Press, Inc.

- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory and research: A review. *Early child development and care, 180*(1), 9-23.
- Brumariu, L. E. (2015). Parent–child attachment and emotion regulation. *New directions for child and adolescent development, 2015*(148), 31-45.
- Bryant, B. K. (1982). An Index of Empathy for Children and Adolescents. *Child Development, 53*(1), 413-425.
- Bureau, J. F., Martin, J., Yurkowski, K., Schmiedel, S., Quan, J., Moss, E., ... & Pallanca, D. (2016). Correlates of child–father and child–mother attachment in the preschool years. *Attachment & human development, 19*(2), 130-150.
- Calkins, S. & Hill, A. (2007) Caregiver Influences on Emerging Emotion Regulation: Biological and Environmental Transactions in Early Development. In Gross, J.J. (Eds.), *Handbook of Emotion Regulation* (229-248). Guilford Press, New York.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: Influences of attachment relationships. *Monographs of the society for research in child development, 59*(2-3), 228-249.
- Chen, X., Lee, J., & Chen, L. (2018). Culture and peer relationships. In W. M. Bukowski, B. Laursen, & K. H. Rubin (Eds.) (2018), *Handbook of peer interactions, relationships, and groups* (2<sup>nd</sup> ed., pp. 552-570). Guilford.
- Cobb, C. H. (1996). Adolescent–parent attachments and family problem-solving styles. *Family Process, 35*(1), 57–82.
- Cohen, J. (1992). Quantitative methods in psychology: A power primer. *Psychological Bulletin, 112*(1), 155-159.
- Contreras, J. M., Kerns, K. A., Weimer, B. L., Gentzler, A. L., & Tomich, P. L. (2000). Emotion regulation as a mediator of associations between mother–child attachment and peer relationships in middle childhood. *Journal of Family Psychology, 14*(1), 111–124. doi:10.1037/0893-3200.14.1.111.
- Cooke, J. E., Kochendorfer, L. B., Stuart-Parrigon, K. L., Koehn, A. J., & Kerns, K. A. (2019). Parent–child attachment and children’s experience and regulation of emotion: A meta-analytic review. *Emotion, 19*(6), 1103.
- Cooke, J. E., Stuart-Parrigon, K. L., Movahed-Abtahi, M., Koehn, A. J., & Kerns, K. A. (2016). Children’s emotion understanding and mother–child attachment: A meta-analysis. *Emotion, 16*(8), 1102.
- Cooke, M. B., Ford, J., Levine, J., Bourke, C., Newell, L., & Lapidus, G. (2007). The effects of city-wide implementation of “SECOND STEP” on elementary school students’ prosocial and aggressive behaviors. *The Journal of Primary Prevention, 28*(2), 93–115. doi:10.1007/s10935-007-0080-1.
- Davidov, M., & Grusec, J. E. (2006). Untangling the links of parental responsiveness to distress and warmth to child outcomes. *Child development, 77*(1), 44-58.

- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, 44(1), 113.
- Del Giudice, M., Angeleri, R., & Manera, V. (2009). The juvenile transition: A developmental switch point in human life history. *Developmental Review*, 29(1), 1-31.
- Doyle, A. B., Markiewicz, D., Brendgen, M., Lieberman, M., & Voss, K. (2000). Child attachment security and self-concept: Associations with mother and father attachment style and marital quality. *Merrill-Palmer Quarterly* 46(3), 514-539.
- Duncan, G. J., Brooks-Gunn, J., & Klebanov, P. K. (1994). Economic deprivation and early childhood development. *Child development*, 65(2), 296-318.
- Dunfield, K. A., & Kuhlmeier, V. A. (2013). Classifying prosocial behavior: Children's responses to instrumental need, emotional distress, and material desire. *Child Development*, 84(5), 1766–1776.
- Dunn, J. (2007). Siblings and socialization. In J. E. Grusec & P. D. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 309–327). New York, NY: Guilford Press.
- Eisenberg, N. (2005). The development of empathy-related responding. In Carlo G. & Edwards, C. P. (Eds.) *Moral motivation through the life span* (pp.73-117). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Shepard, S. A., Murphy, B. C., & Jones, S. (1998). Contemporaneous and longitudinal prediction of children's sympathy from dispositional regulation and emotionality. *Developmental Psychology*, 34(5), 910-924.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Shepherd, S. A., Murphy, B. C., Guthrie, I. K., Jones, S., ... Maszk, P. (1997). Contemporaneous and longitudinal prediction of children's social functioning from regulation and emotionality. *Child Development*, 68, 642–664.
- Eisenberg, N., Gershoff, E. T., Fabes, R. A., Shepard, S. A., Cumberland, A. J., Losoya, S. H., et al. (2001). Mother's emotional expressivity and children's behavior problems and social competence: Mediation through children's regulation. *Developmental Psychology*, 37, 475 – 490.
- Eisenberg, N., Lennon, R., & Roth, K. (1983). Prosocial development: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, 19(6), 846–855. doi:10.1037//0012-1649.27.5.849
- Eisenberg, N., Spinrad, T., & Sadovsky, A. (2006). Empathy-related responding in children. In M. Killen & J. Smetana, (Eds). *Handbook of moral development* (pp. 535-568). Psychology Press.
- Eldesouky, L., & Goodman, F. R. (2021). What are we missing in emotion regulation science?.
- Eysenck, S. B., & Eysenck, H. J. (1978). Impulsiveness and venturesomeness: Their position in a dimensional system of personality description. *Psychological reports*, 43(3), 1247-1255.
- Feiner, K., & Kiersky, S. (1994). Empathy a common ground. *Psychoanalytic Dialogues*, 4 (3), 425-440. DOI: 10.1080/10481889409539029

- Fernandes, C., Fernandes, M., Santos, A. J., Antunes, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., & Verissimo, M. (2021). Early attachment to mothers and fathers: Contributions to preschoolers' emotional regulation. *Frontiers in psychology, 12*, 1-7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.660866>
- Fernandes, M., Verissimo, M., Santos, A. J., Ribeiro, O., Vaughn, B. E., Gastelle, M., & Kerns, K. A. (2021). Measurement invariance across mother/child and father/child attachment relationships. *Attachment & human development, 23*(1), 56-74.
- Feshbach, N. D. (1975). Empathy in children: Some theoretical and empirical considerations. *The counseling psychologist, 5*(2), 25-30.
- Fish, M. (2001). Attachment in low-SES rural Appalachian infants: Contextual, infant and maternal interaction risk and protective factors. *Infant Mental Health Journal, 22*(6), 41-664.
- Fitton, V. A. (2012). Attachment theory: History, research, and practice. *Psychoanalytic social work, 19*(1-2), 121-143.
- Fletcher, H. K., & Gallichan, D. J. (2016). An overview of attachment theory: Bowlby and beyond. *Attachment in intellectual and developmental disability: A clinician's guide to practice and research, 8-32*.
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Moran, G. S., & Higgitt, A. C. (1991). The capacity for understanding mental states: The reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant mental health journal, 12*(3), 201-218.
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child development, 62*(1), 210-225.
- Fraser, M. W., Nash, J. K., Galinsky, M. J., & Darwin, K. M. (2000). *Making choices: Social problem-solving skills for children* (1st Edition). NASW Press.
- Garton, A. F. & Gringart, E. (2005). The development of a scale to measure empathy in 8- and 9-year old children. *Australian Journal of Education and Developmental Psychology, 5*(1), 17-25.
- Greenberg, M., Kusche, C., Cook, E., & Quamma, J. (1995). Promoting emotional competence in school-aged children: The effects of the PATHS curriculum. *Development and Psychopathology, 7*(1), 117-136. doi:10.1017/S0954579400006374.
- Grossmann, K., Grossmann, K., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development, 11*(3), 307-331
- Guryan, J., Hurst, E., & Kearney, M. (2008). Parental education and parental time with children. *Journal of Economic perspectives, 22*(3), 23-46.
- Hayes, A. F. (2020). *Statistical methods for communication science* (1st ed.). Routledge.

- Henschel, S., Nandrino, J. L., & Doba, K. (2020). Emotion regulation and empathic abilities in young adults: The role of attachment styles. *Personality and Individual Differences, 156*, 109763. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109763>
- Hilburn-Cobb, C. (1998). Coding manual and scoring directions for adolescent attachment behavior, 5th revision. Unpublished manuscript, University of Toronto.
- Hofferth, S. L., Pleck, J. H., & Vesely, C. K. (2012). The transmission of parenting from fathers to sons. *Parenting, 12*(4), 282-305.
- Hogan, R. (1969). Development of an empathy scale. *Journal of consulting and clinical psychology, 33*(3), 307.
- Hunter, J., & Schmidt, F. (1990). *Methods of meta-analysis* (1st Edition). Sage Publications.
- Hutman, T., & Dapretto, M. (2009). The emergence of empathy during infancy. *Cognition, Brain, Behavior, 13*(4), 367.
- Johnson, S. C., Dweck, C. S., & Chen, F. S. (2007). Evidence for infants' internal working models of attachment. *Psychological Science, 18*(6), 501–502.
- Johnson, S. C., Dweck, C. S., Chen, F. S., Stern, H. L., Ok, S. J., & Barth, M. (2010). At the intersection of social and cognitive development: Internal working models of attachment in infancy. *Cognitive Science, 34*(5), 807–825.
- Kalliopuska, M. (1984). Relation between children's and parents' empathy. *Psychological Reports, 54*(1), 295–299. doi:10.2466/pr0.1984.54.1.295
- Kelly, M., McDonald, S., & Wallis, K. (2021). Empathy across the ages: "I may be older but I'm still feeling it". *Neuropsychology, 36*(2), 116–127. Doi: <https://doi.org/10.1037/neu0000783>.
- Kerns, K. A., Brumariu, L. E., & Seibert, A. (2011). Multi-method assessment of mother-child attachment: Links to parenting and child depressive symptoms in middle childhood. *Attachment & human development, 13*(4), 315-333.
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. (1996). Peer relationships and preadolescents' perceptions of security in the child-mother relationship. *Developmental psychology, 32*(3), 457.
- Kerns, K. A., Mathews, B. L., Koehn, A. J., Williams, C. T., & Siener-Ciesla, S. (2015). Assessing both safe haven and secure base support in parent-child relationships. *Attachment & human development, 17*(4), 337-353.
- Kerns, K. A., Tomich, P. L., & Kim, P. (2006). Normative trends in children's perceptions of availability and utilization of attachment figures in middle childhood. *Social Development, 15*(1), 1-22.
- Kerns, K., & Brumariu, L. (2016). Attachment in Middle Childhood. In Cassidy, J., & Shaver, P. (2016). *Handbook of Attachment* (3Eds.) (pp. 349–365). New York: Guilford Press.
- Kestenbaum, R., Farber, E. A., & Sroufe, L. A. (1989). Individual differences in empathy among preschoolers: relation to attachment history. *New directions for child development*.

- Kim, H., & Page, T. (2013). Emotional bonds with parents, emotion regulation, and school-related behavior problems among elementary school truants. *Journal of Child and Family Studies*, 22(6), 869-878.
- Kim, S., & Kochanska, G. (2017). Relational antecedents and social implications of the emotion of empathy: Evidence from three studies. *Emotion*, 17(6), 981.
- Kingston, S. T., & Medlin, R. G. (2005). Empathy, Altruism, and Moral Development in Home Schooled Children. *Online Submission*, 16(4), 1-10.
- Knight, G. P., Johnson, L. G., Carlo, G., & Eisenberg, N. (1994). A multiplicative model of the dispositional antecedents of a prosocial behavior: Predicting more of the people more of the time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(1), 178–183.
- Koole, S. L. (2009). The psychology of emotion regulation: An integrative review. *Cognition and emotion*, 23(1), 4-41.
- Kopp, C. B. (1989). Regulation of distress and negative emotions: A developmental view. *Developmental psychology*, 25(3), 343.
- Kramer, L. (2014). Learning emotional understanding and emotion regulation through sibling interaction. *Early Education and Development*, 25(2), 160-184.
- Laible, D. J., & Thompson, R. A. (1998). Attachment and emotional understanding in preschool children. *Developmental psychology*, 34(5), 1038.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parent and peer attachment to adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(1), 45–59.
- Leibetseder, M., Laireiter, A.-R., Köller, T. (2001). E-Skala: Fragebogen zur Erfassung von Empathie – Beschreibung und psychometrische Eigenschaften. *Zeitschrift für Differentielle und Diagnostische Psychologie*, 22(1), 70-85.
- Lennon, R., Eisenberg, N., & Carroll, J. (1986). The relation of nonverbal indices of empathy and preschoolers' prosocial behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 7(3), 219–224.
- Li, S., Ran, G., & Chen, X. (2021). Linking attachment to empathy in childhood and adolescence: A multilevel meta-analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(11), 3350-3377.
- Main, M., & George, C. (1985). Responses of abused and disadvantaged toddlers to distress inagemates: A study in the day care setting. *Developmental Psychology*, 21(3), 407–412.
- Mark, I. L. V. D., IJzendoorn, M. H. V., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2002). Development of empathy in girls during the second year of life: Associations with parenting, attachment, and temperament. *Social development*, 11(4), 451-468.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence. *Emotional development and emotional intelligence: Educational implications*, 3, 31.



- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic disadvantage and child development. *American psychologist*, 53(2), 185.
- Melo, A. I. M. T. D. (2005). *Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança* [Master dissertation, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho]. <https://hdl.handle.net/1822/4926>
- Meng, K., Yuan, Y., Wang, Y., Liang, J., Wang, L., Shen, J., & Wang, Y. (2020). Effects of parental empathy and emotion regulation on social competence and emotional/behavioral problems of school-age children. *Pediatric investigation*, 4(02), 91-98.
- Merry, M. S., & Howell, C. (2009). Can intimacy justify home education?. *Theory and Research in Education*, 7(3), 363-381.
- Meyer, S., Raikes, H. A., Virmani, E. A., Waters, S., & Thompson, R. A. (2014). Parent emotion representations and the socialization of emotion regulation in the family. *International Journal of Behavioral Development*, 38(2), 164-173.
- Mikulincer, M. (1998). Adult attachment style and affect regulation: Strategic variations in self-appraisals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(2), 420-435.
- Mikulincer, M., Gillath, O., Halevy, V., Avihou, N., Avidan, S., & Eshkoli, N. (2001). Attachment theory and reactions to others' needs: Evidence that activation of the sense of attachment security promotes empathic responses. *Journal of personality and social psychology*, 81(6), 1205.
- Minzi, M. C. (2013). Children's perception of parental empathy as a precursor of children's empathy in middle and late childhood. *The Journal of psychology*, 147(6), 563-576.
- Mischel, W. (2014). *The marshmallow test: Understanding self-control and how to master it*. Random House.
- Möller, E. L., Majdandžić, M., & Bögels, S. M. (2014). Fathers' versus mothers' social referencing signals in relation to infant anxiety and avoidance: A visual cliff experiment. *Developmental Science*, 17(6), 1012–1028. <http://dx.doi.org/10.1111/desc.12194>
- Murphy, B. C., Shepard, S. A., Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Guthrie, I. K. (1999). Contemporaneous and longitudinal relations of dispositional sympathy to emotionality, regulation, and social functioning. *Journal of Early Adolescence*, 19(1), 66–97.
- Murphy, T. P., & Laible, D. J. (2013). The influence of attachment security on preschool children's empathic concern. *International Journal of Behavioral Development*, 37(5), 436-440.
- Murphy, T. P., Laible, D. J., Augustine, M., & Robeson, L. (2015). Attachment's links with adolescents' social emotions: The roles of negative emotionality and emotion regulation. *The Journal of genetic psychology*, 176(5), 315-329.
- Newton, E. K., Laible, D., Carlo, G., Steele, J. S., and McGinley, M. (2014). Do sensitive parents foster kind children, or viceversa? Bidirectional influences between children's

prosocial behavior and parental sensitivity. *Dev. Psychol.* 50, 1808–1816. doi:10.1037/a0036495

- Noroña-Zhou, A. N., & Tung, I. (2021). Developmental patterns of emotion regulation in toddlerhood: Examining predictors of change and long-term resilience. *Infant Mental Health Journal*, 42(1), 5-20.
- Oldfield, J., Humphrey, N., & Hebron, J. (2015). The role of parental and peer attachment relationships and school connectedness in predicting adolescent mental health outcomes. *Child and Adolescent Mental Health*. [Epub ahead of print]
- Panfile, T. (2011). *Attachment and Temperament as Predictors of Children's Empathy* [Dissertation]. Lehigh University.
- Panfile, T. M., & Laible, D. J. (2012). Attachment security and child's empathy: The mediating role of emotion regulation. *Merrill-Palmer Quarterly*, 58(1), 1-21.
- Parrigon, S., Kerns, K. A., Movahed Abtahi, M., & Koehn, A. (2015). Attachment and emotion in middle childhood and adolescence. *Psihologijske teme*, 24(1), 27-50.
- Pines, M., & Marrone, M. (2003). Empathy and sensitive responsiveness. In M. Cortina & M. Marrone (Eds.), *Attachment theory and the psychoanalytic process* (pp. 42–61). Whurr Publishers.
- Queirós, A., Fernandes, E., Reniers, R., Sampaio, A., Coutinho, J., & Seara-Cardoso, A. (2018). Psychometric properties of the questionnaire of cognitive and affective empathy in a Portuguese sample. *PloS one*, 13(6), e0197755. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0197755>
- Raikes, H.A., & Thompson, R.A. (2005). Links between risk and attachment security: Models of influence. *Applied Developmental Psychology*, 26(4), 440-445.
- Reniers, R. L., Corcoran, R., Drake, R., Shyrane, N. M., & Völlm, B. A., (2011) The QCAE: A Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy. *Journal of Personality Assessment*, 93(1), 84-95. Doi: [10.1080/00223891.2010.528484](https://doi.org/10.1080/00223891.2010.528484)
- Rydell, A. M., Bohlin, G., & Thorell, L. B. (2005). Representations of attachment to parents and shyness as predictors of children's relationships with teachers and peer competence in preschool. *Attachment and Human Development*, 7(2), 187–204.
- Sacrey, L. A. R., Raza, S., Armstrong, V., Brian, J. A., Kushki, A., Smith, I. M., & Zwaigenbaum, L. (2021). Physiological measurement of emotion from infancy to preschool: A systematic review and meta-analysis. *Brain and behavior*, 11(2), e01989.
- Şakir, G. I. C. A., Büyükavşar, A., Iyisoy, M. S., & Güleç, H. (2021). Psychometric Properties of Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy (QCAE): Reliability and Factor Analysis Study in Turkish Sample. *Archives of Neuropsychiatry*, 58(3), 228.
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child Development*, 36(2), 413–424. <https://doi.org/10.2307/1126465>

- Schlesier, J., Roden, I., & Moschner, B. (2019). Emotion regulation in primary school children: A systematic review. *Children and Youth Services Review, 100*, 239-257.
- Schonert-Reichl, K. A., Smith, V., Zaidman-Zait, A., & Hertzman, C. (2012). Promoting children's prosocial behaviors in school: Impact of the "Roots of Empathy" program on the social and emotional competence of school-aged children. *School Mental Health, 4*(1), 1–21. <https://doi.org/10.1007/s12310-011-9064-7>
- Seibert, A. C., & Kerns, K. A. (2009). Attachment figures in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development, 33*(4), 347–355. doi:10.1177/0165025409103872
- Seibert, A., & Kerns, K. (2015). Early mother–child attachment: Longitudinal prediction to the quality of peer relationships in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development, 39*(2), 130-138.
- Seibert, A., & Kerns, K. (2015). Early mother–child attachment: Longitudinal prediction to the quality of peer relationships in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development, 39*(2), 130–138.
- Shaver, P., Mikulincer, M., Gross, J., Stern, J. & Cassidy, J. (2016). Lifespan Perspective on Attachment and Care for Others: Empathy, Altruism, and Prosocial Behavior. In Cassidy, J., & Shaver, P. (2016). *Handbook of Attachment* (3Eds.) (pp. 878–917). New York: Guilford Press.
- Shields, A., & Cicchetti, D. (1997). Emotion regulation among school-age children: the development and validation of a new criterion Q-sort scale. *Developmental psychology, 33*(6), 906.
- Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge University Press.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & human development, 7*(4), 349-367.
- Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachments classifications of mothers, fathers and their infants. *Child Development, 67*, 541–555.
- Ştefan, C. A., & Avram, J. (2018). The multifaceted role of attachment during preschool: moderator of its indirect effect on empathy through emotion regulation. *Early Child Development and Care, 188*(1), 62-76.
- Stern, J. A., Borelli, J. L., & Smiley, P. A. (2015). Assessing parental empathy: A role for empathy in child attachment. *Attachment & human development, 17*(1), 1-22.
- Stern, J. A., Costello, M. A., Kansky, J., Fowler, C., Loeb, E. L., & Allen, J. P. (2021). Here for You: Attachment and the growth of empathic support for friends in adolescence. *Child Development, 92*(6), e1326-e1341.
- Strayer, J., & Roberts, W. (1989). Children's empathy and role taking: Child and parental factors, and relations to prosocial behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology, 10*(2), 227-239.

- Strayer, J., & Roberts, W. (2004). Children's anger, emotional expressiveness, and empathy: Relations with parents' empathy, emotional expressiveness, and parenting practices. *Social development, 13*(2), 229-254. doi:10.1111/j.1467-9507.2004.000265.x
- Suh, H. N., & Flores, L. Y. (2017). Relative deprivation and career decision self-efficacy: Influences of self-regulation and parental educational attainment. *The Career Development Quarterly, 65*(2), 145-158.
- Taylor, Z. E., Eisenberg, N., Spinrad, T. L., Eggum, N. D., and Sulik, M. J. (2013). The relations of ego-resiliency and emotion socialization to the development of empathy and prosocial behavior across early childhood. *Emotion 13*, 822–831. doi: 10.1037/a0032894
- Tereno, S., & Matos, I. (2017). Contributos da teoria da vinculação para a prática clínica desenvolvimental. *Análise Psicológica, 35*(4).
- Thompson, K. L., & Gullone, E. (2008). Prosocial and antisocial behaviors in adolescents: An investigation into associations with attachment and empathy. *Anthrozoös, 21*(2), 123–137.
- Troyer, D., & Greitemeyer, T. (2018). The impact of attachment orientations on empathy in adults: Considering the mediating role of emotion regulation strategies and negative affectivity. *Personality and Individual Differences, 122*(1), 198-205.
- Upshaw, M. B., Kaiser, C. R., & Sommerville, J. A. (2015). Parents' empathic perspective taking and altruistic behavior predicts infants' arousal to others' emotions. *Frontiers in psychology, 6*, 360.
- Veiga, F. H., & Santos, E. (2011). Uma escala de avaliação da empatia: adaptação portuguesa do Questionnaire to Assess Affective and Cognitive Empathy. In *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica, XV Conferencia Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*.
- Ventura, N. L. P. (2016). *The measurement and development of empathy and its association with attachment and positive traits* [Doctoral dissertation]. Biola University.
- Veríssimo, M., Santos, A. J., Vaughn, B. E., Torres, N., Monteiro, L., & Santos, O. (2011). Quality of attachment to father and mother and number of reciprocal friends. *Early Child Development and Care, 181*(1), 27-38.
- Vygotsky, L. (1978). Interaction between learning and development. *Readings on the development of children, 23*(3), 34-41.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child development, 71*(1), 164-17
- Westmaas, J. L., & Silver, R. C. (2001). The role of attachment in responses to victims of life crises. *Journal of Personality and Social Psychology, 80*, 425-438.
- Xu, X., Liu, Z., Gong, S., & Wu, Y. (2022). The Relationship between Empathy and Attachment in Children and Adolescents: Three-Level Meta-Analyses. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 19*(3), 1391-1408. <https://doi.org/10.3390/ijerph19031391>.

- You, S., Lee, J., Lee, Y., & Kim, A. Y. (2015). Bullying among Korean adolescents: The role of empathy and attachment. *Psychology in the Schools*, 52(6), 594–606.
- Zahn-Waxler, C., Radke-Yarrow, M., & King, R. A. (1979). Child rearing and children's prosocial initiations toward victims of distress. *Child development* 50(2), 319-330. <https://doi.org/10.2307/1129406>
- Zaki, J. & Ochsner, K. (2016). Empathy. In Barrett, L. F., Lewis, M., & Haviland-Jones, J. M. (Eds.), *Handbook of emotions* (4<sup>a</sup> ed.) (p.871-880). Guilford Publications.
- Zhou, Q., Eisenberg, N., Losoya, S. H., Fabes, R. A., Reiser, M., Guthrie, I. K., et al. (2002). The relations of parental warmth and positive expressiveness to children's empathy – related responding and social functioning: a longitudinal study. *Child Dev.* 73, 893–915. doi:10.1111/1467-8624.00446
- Zhou, Q., Valiente, C., & Eisenberg, N. (2003). Empathy and its measurement. In S. J. Lopez & C. R. Snyder (Eds.), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures* (pp. 269–284). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10612-017>
- Zimmer-Gembeck, M., Webb, H., Pepping, C., Swan, K., Merlo, O., Skinner, E., Avdagic, E. & Dunbar, M. (2015). Review: Is Parent-Child Attachment a Correlate of Childrens Emotion Regulation and Coping?. *International Journal of Behavioral Development* 41(1), 74-93. Doi:10.1177/0165025415618276.
- Zoll, C., & Enz, S. (2010). *A questionnaire to assess affective and cognitive empathy in children* [Doctoral dissertation]. Universidade de Bamberg.

## VI. ANEXOS

### Anexo 1 - Consentimento Informado

Para efeitos de conclusão de dissertação de mestrado, na instituição ISPA- Instituto Universitário, eu Eva Pires, encontro-me a realizar um estudo de investigação que tem como principal objetivo compreender a importância da regulação emocional da criança na relação entre a qualidade da vinculação pais-criança e os níveis de empatia de crianças entre os 8 e os 12 anos de idade. Desta forma, solicito a vossa colaboração neste estudo enquanto pais/encarregados de educação (através do preenchimento de um breve questionário online), e a devida autorização de recolher dados (através de questionários) junto do vosso educando, na escola.

A participação no estudo é voluntária e todos os dados serão mantidos confidenciais. Para além disso, é garantido o direito de desistir a qualquer momento.

Em caso de dúvida ou necessidade de obter mais esclarecimentos agradeço o contacto através do e-mail: [epires99@gmail.com](mailto:epires99@gmail.com)

Agradeço a vossa colaboração, Eva Pires

Confirmação de declaração de consentimento (selecione a sua opção e clique na seta azul):

- Tomei conhecimento acerca dos objetivos do estudo, bem como das condições de confidencialidade dos dados e aceito participar
- Não pretendo participar

---

Por favor, indique o seu primeiro e último nome:

---

Por favor, indique primeiro e último nome do seu educando:

---

---

Por favor, indique o ano e turma do seu educando:

---

**Agradecemos a sua participação neste inquérito e o tempo despendido.**